



“NOVA EVANGELIZAÇÃO” EM BENTO XVI: INTERPELAÇÕES PARA A VIDA CONSAGRADA

Terezinha Boscheco¹

Clodovis Boff²

Resumo: Não é a escuridão que é invencível, é a Luz que deixou de irradiar. À mentalidade do relativismo, do ateísmo, do secularismo, do individualismo, do paganismo, do niilismo e de tantos outros “ismos” atribui-se a atual ineficácia da evangelização. O problema para o qual Bento XVI propõe a Nova Evangelização, não é o fato de os “ismos” terem dominado e tomado a direção do mundo, da sociedade em geral, mas sim, o fato de, na Igreja, os que crêem, em vez de representar uma alternativa à cultura dominante, passaram a espelhá-la. Em outras palavras, o problema é que, quem foi chamado e estabelecido para iluminar, deixou-se ofuscar pela escuridão e já não reflete mais a Luz. Tal situação questiona profundamente a falta de eficácia da evangelização que vem sendo realizada e questiona os primeiros responsáveis pela missão da Igreja - bispos e presbíteros - e os que, pela “profissão dos conselhos evangélicos”, comprometeram-se publicamente, a dar testemunho da Luz. Por que, aqueles que receberam o anúncio do evangelho, não remam contra a correnteza da secularização? Por que muitos nem sequer frequentam mais a comunidade cristã? E os que frequentam, são verdadeiramente convertidos? Não é a escuridão que é invencível, é a irradiação da Luz que está bloqueada. Não é a Luz do evangelho de Cristo que perdeu sua força, mas seus refletores que estão estragados. Não é a Igreja, instrumento do Reino, que não serve mais, mas quem dela deveria se servir para anunciar o Evangelho. Frente aos desafios deste contexto, Bento XVI, através da Nova Evangelização, convoca a Igreja, especialmente em sua dimensão “ad intra” a devolver a Deus o lugar que lhe cabe. Mas não se trata aqui de um Deus qualquer, e sim do Deus de Jesus Cristo, o Deus vivo que desce ao encontro do homem, que se encarna: sim, importa devolver ao cristianismo em geral e a cada homem a sua dimensão mística através do encontro pessoal e comunitário com a pessoa de Jesus Cristo, único e verdadeiro caminho para o conhecimento de Deus, de si mesmo e dos irmãos. É preciso reabrir ao homem atual o acesso a Deus, pois, “não existe prioridade maior do que esta” (VD 2). Bento XVI aponta também três meios de acesso a Deus que levam o homem a interrogar-se sobre Ele e a percorrer os caminhos que conduzem a Ele. Primeiro, o mundo. Quanto mais o conhecemos e descobrimos os seus mecanismos maravilhosos, tanto mais vemos um desígnio, vemos que existe uma inteligência criadora. Segundo, o Homem. Citando a afirmação Santo Agostinho “Deus é mais íntimo de mim de quanto eu o seja de mim mesmo” (*Confissões* III, 6, 11), o Papa diz que “com a sua abertura à verdade e à beleza, com o seu sentido do bem moral, com a sua liberdade e a voz da sua consciência, com a sua ânsia de infinito e de felicidade, o homem interroga-se sobre a existência de Deus” (CaC, 33). Terceiro, a fé. Um cristão e uma comunidade que sejam ativos e fiéis ao projeto de Deus, que nos amou em primeiro lugar, constituem um caminho privilegiado para quantos vivem na indiferença e na dúvida acerca da sua existência e ação.

Palavras-chave: Secularismo, Nova Evangelização, Caridade.

Como referenciar este trabalho:

BOSCHECO, TEREZINHA; BOFF, CLODOVIS. “NOVA EVANGELIZAÇÃO” EM BENTO XVI: INTERPELAÇÕES PARA A VIDA CONSAGRADA. **CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR**, CURITIBA, v.1, n.1, p.192-247, 2013.

¹ Bacharel em Teologia pela PUCPR, e-mail: Terezinha.boscheco@pucpr.br

² Professor do Curso de Teologia da PUCPR, e-mail: osmcwb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde o início de seu Pontificado, o Papa Bento XVI, tem manifestado forte preocupação com a profunda crise de fé que atinge muitas pessoas comparando-a a um processo de desertificação espiritual. “Conduzir os homens para fora do deserto, para lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus” (PF, 2), tem sido um constante apelo dirigido à Igreja toda, através de suas pregações, documentos e iniciativas.

Em junho de 2010, o Papa Bento XVI criou um Conselho Papal para a promoção da nova evangelização através da Carta Apostólica *Ubicumque et semper* e convocou um Sínodo Extraordinário dos Bispos para outubro de 2012 com o tema “A Nova Evangelização para a transmissão da Fé”. Coincidindo com o cinquentenário de abertura do Concílio Vaticano II e vinte e cinco anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, na abertura do mesmo Sínodo, proclamou o Ano da Fé, no qual, segundo a Carta *Porta Fidei*, quis “introduzir o complexo eclesial inteiro num tempo de particular reflexão e redescoberta da fé” (PF, 4).

Dentre as tarefas que delegou ao Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, encontra-se uma que se refere ao apelo que o Conselho deve fazer às Congregações Religiosas:

dar a conhecer e incentivar iniciativas ligadas à nova evangelização já em curso nas várias Igrejas particulares e promover a realização de outras novas, comprometendo também, concretamente, os recursos presentes nos Institutos de Vida Consagrada e nas Sociedades de Vida Apostólica (*Ubicumque Et Semper*, Art. 3,3).

A pedido do Papa Bento XVI, a Congregação para a Doutrina da Fé, em acordo com os Dicastérios competentes da Santa Sé e com a contribuição do Conselho para a preparação do Ano da Fé, redigiu ainda uma *Nota* com algumas indicações para o Ano da Fé, entre as quais pede aos membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, a contribuição dos próprios carismas na obra da nova evangelização:

Neste tempo, os membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica são solicitados a se empenhar na nova evangelização, com uma adesão renovada ao Senhor Jesus, pela contribuição dos próprios carismas e na fidelidade ao Santo Padre e à sua doutrina (IV, 7).

Particularmente desafiante foi a homilia da celebração do dia da vida consagrada no dia 02 de fevereiro de 2013, na qual o Papa Bento XVI desejou, especialmente aos consagrados, que suas vidas tenham sempre o “sabor da parusia evangélica”, para que neles “a Boa Notícia seja vivida, testemunhada, anunciada e brilhe como Palavra de verdade”. Em outras palavras podemos dizer que, da pessoa consagrada, espera-se que ela seja a “sede” da parusia na terra, que nela a Boa Notícia tome carne, seja palpável, visível e que a evangelização aconteça, sobretudo e em primeiro lugar, não pela pregação, mas pela irradiação da atuação do próprio Cristo presente em suas vidas.

No decorrer da história, sobretudo no seu início, o núcleo central da vida consagrada era muito nítido. Ela nasceu exatamente quando a Igreja vivia sua primeira grande crise³ a qual, o Papa Bento XVI chama hoje de “desertificação” espiritual, ou seja, ausência do primado do Absoluto. Naquele contexto os Padres e Madres do deserto entendiam que o maior “serviço” que a vida eremítica ou cenobítica podia prestar à Igreja era a vivência radical da aliança do batismo, que se tornava uma espécie de “memória”, de “sinal” do primado de Deus. Só olhando para seu modo de viver, sem que eles pronunciassem sequer uma palavra, os outros membros da Igreja eram automaticamente recordados da sua aliança batismal e impelidos a vivê-la na comunhão com o Senhor. Foi por isso que sem demora os membros da igreja, bispos, clero e leigos iam “ao deserto” consultar os consagrados porque percebiam neles pessoas de intimidade com Deus e conhecedores especializados da Sua vontade.

Se a Igreja, na pessoa do Santo Padre, dirige-se à vida consagrada pedindo a contribuição da força dos próprios carismas na sua missão desafiadora de evangelizar um mundo em crise por causa da crescente secularização, não será este um apelo à conversão da própria vida consagrada, nas pegadas de Cristo?

³ Quando o Imperador Constantino, em 313, pelo Edito de Milão, declarou o cristianismo a religião lícita no Império Romano e em 380, o Imperador Teodósio, o Grande, proclamou o Catolicismo, a religião oficial do Império Romano, a adesão a ele era realizada pelos batismos em massa em detrimento de sua radicalidade, diferentemente do período anterior em que, ante às perseguições, os cristãos, testemunhavam a radicalidade da fé pelo martírio. Houve esfriamento e banalização da consagração batismal. Alguns homens e, depois, mulheres foram para “o deserto” para poderem viver sua fé batismal com maior radicalidade – “fuga mundi” - para poder ser de Deus e para Deus.

Nele, anúncio e vida entrelaçam-se: Jesus age e ensina, começando sempre a partir de uma relação íntima com Deus Pai. Este estilo torna-se uma indicação essencial para nós, cristãos: o nosso modo de viver na fé e na caridade torna-se um falar de Deus no presente, porque mostra com uma existência vivida em Cristo a credibilidade, o realismo daquilo que dizemos com palavras, que não são apenas palavras, mas demonstram a realidade, a realidade verdadeira. E nisto devemos estar atentos a captar os sinais dos tempos na nossa época, ou seja, a identificar as potencialidades, os desejos, os obstáculos que se encontram na cultura atual, de modo particular o desejo de autenticidade, o anseio pela transcendência, a sensibilidade pela salvaguarda da criação, e comunicar sem temor a resposta oferecida pela fé em Deus (Audiência Geral de 28.11.12)⁴.

Ficar inertes ou indiferentes a estes apelos significa negligência da própria vocação e infidelidade ao chamado. Por outro lado surgem interrogações tais como: em que consiste o núcleo central, a essência e os apelos da nova evangelização no Magistério do Papa Bento XVI e como as comunidades de Vida Consagrada podem responder às suas interpelações?

Este trabalho é uma contribuição para escutar a voz do Espírito que, sempre de novo, convoca seus consagrados à conversão e à missão de anunciar a Boa Nova de forma a se fazer entender por todos. Ele averigua a Nova Evangelização no pensamento do Magistério do Papa Bento XVI trazendo os temas recorrentes que compõe os conteúdos, as exigências e interpelações da nova evangelização bem como as características básicas de uma metodologia para a nova evangelização. Além do mais, correlaciona-os com a atuação dos consagrados e consagradas na Igreja apontando possíveis sugestões para aplicação na vida e missão dos Consagrados e Consagradas.

METODOLOGIA

O método utilizado é essencialmente a coleta de dados e informação com pesquisa bibliográfica nos documentos e pronunciamentos de Bento XVI. Os principais textos analisados serão as três Encíclicas: *Deus Caritas Est*, *Spe Salvi*, *Caritas in Veritate*; as Exortações Apostólicas: *Sacramentum Caritatis*, *Verbum Domini*, *Africae Munus*; bem como, as duas cartas em forma de Motu Proprio *Ubicumque et semper* e *Porta fidei*; as catequeses públicas, as audiências gerais e homilias de Bento XVI referentes à Nova Evangelização e ao Ano da Fé. Mesmo tendo delimitado a bibliografia aos escritos de Bento XVI durante seu magistério

⁴ Sendo a bibliografia quase toda exclusiva de Bento XVI, nas citações não será repetido seu nome, mas somente a fonte.

pontifício, servi-me de alguns pronunciamentos do então Cardeal Joseph Ratzinger, pois, segundo Monda,

Joseph Ratzinger permaneceu o mesmo, sempre: um homem simples, um sacerdote “acessível” que está sempre “a caminho”, que se move em direção aos outros. Mesmo como Papa, um dos aspectos que mais impressionou foi sua capacidade deste distinto teólogo alemão de saber falar com todos os interlocutores, conseguindo sempre colocar-se ao nível do ouvinte, simplificando, sem reduzir, o significado de sua mensagem (2013, p.32).

A IDÉIA DE UMA “NOVA EVANGELIZAÇÃO”

O tema “nova evangelização” teve seu auge no Pontificado de João Paulo II, especialmente na última década do segundo milênio. Quando parecia que ele tinha desaparecido ou simplesmente passado para a normalidade do vocabulário pastoral, eis que, surpreendentemente, Bento XVI o recoloca no centro do seu magistério. Cria um Conselho Papal para sua promoção, convoca um Sínodo Extraordinário dos Bispos e proclama o Ano da Fé para dar impulso à nova evangelização.

Para chegar ao núcleo central da nova evangelização no magistério de Bento XVI e suas interpelações para a vida consagrada, faz-se necessário situá-la no processo da renovação eclesial do Concílio Vaticano II, bem como na continuidade da obra da nova evangelização de João Paulo II de quem Bento XVI, então Cardeal Joseph Ratzinger, foi seu exímio colaborador. No ano de 2000, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o Cardeal Joseph Ratzinger, também se expressou sobre a necessidade de uma nova evangelização e apontou alguns momentos importantes e seus elementos estruturais. Disse, já naquele tempo, entre outras coisas, que

apesar da contínua evangelização da Igreja, uma grande parte da humanidade de hoje não encontra nela o Evangelho, isto é, uma resposta válida à questão: como viver? Por isso, estamos procurando além desta evangelização permanente, que nunca foi e não pode ser interrompida - uma nova evangelização, capaz de chegar para o mundo, não abrangido pela evangelização «clássica» (Intervenção no Congresso dos Catequistas e Professores de religião 10.12.00).

Eis por que se faz necessário:

Para além dos métodos tradicionais de pastoral, sempre válidos, que a Igreja procure lançar mão de novos métodos, valendo-se também de novas linguagens, apropriadas às diversas culturas do mundo, para implementar um diálogo de simpatia e amizade que se fundamenta em Deus que é Amor (Homilia 28 .10. 12).

Receber a Boa Nova do Evangelho é um direito de cada pessoa e anunciá-lo de modo que todos possam recebê-lo é missão intrínseca da Igreja, pois “todos têm necessidade do Evangelho; o Evangelho destina-se a todos e não apenas a um círculo determinado, e, portanto somos obrigados a procurar novos caminhos para levar o Evangelho a todos” (Ratzinger Intervenção no Congresso dos Catequistas e Professores de religião, 10.12.2000)

1. Origem e significado do termo “nova evangelização”

A evangelização, de acordo com o mandato de Cristo, é o anunciar da Boa Nova da Salvação a todos as pessoas. A partir do mistério Redentor de Cristo podemos notar que a evangelização é um processo integral, que começou com a Encarnação através da Cruz até a Ressurreição de Cristo. Tudo isso forma uma totalidade, mas o elemento básico dessas atividades é a "proclamação da palavra". Jesus, no cumprimento da sua missão na terra, disse de si mesmo: “tenho que levar a Boa Nova do Reino de Deus também às outras cidades, porque para isso fui enviado” (Lc 4,43). Jesus Cristo cumpriu esta missão, para o qual ele foi enviado à terra pelo Pai, através de sua vida e ensinamentos. Depois transmitiu-a aos Apóstolos, os quais deveriam guardar este depósito e desenvolvê-lo na Igreja, porque a Igreja tem seu início com a evangelização de Jesus.

Embora tendo sua raiz na palavra “evangelho”, o termo “Evangelização” não se encontra na Bíblia. Ela entrou para a linguagem da Igreja, de maneira tímida, a partir do Concílio Vaticano II, sobretudo nas Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* e no Decreto *Ad Gentes* como sinônimo da palavra “missão”. Segundo o Papa Bento XVI, no Concílio Vaticano II, estava presente um fervor no que se referia à missão de evangelizar:

havia uma tensão emocionante, em relação à tarefa comum de fazer resplandecer a verdade e a beleza da fé no hoje do nosso tempo, sem sacrificá-la frente às exigências do presente, nem mantê-la presa ao passado: na fé ecoa o eterno presente de Deus, que transcende o tempo, mas que só pode ser acolhida no nosso hoje, que não torna a repetir-se (Homilia. 11.10.12).

O Terceiro Sínodo Ordinário dos Bispos, em 1974, quando trouxe à tona a essência do Concílio Vaticano II sob o prisma da evangelização, sublinhou especificamente seus conteúdos pertinentes. Em resultado, um ano depois, em 1975, o Papa Paulo VI escreveu a grande Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* identificando a “evangelização” com o princípio de toda a ação da Igreja e destacando que é algo “inerente à natureza da Igreja” (NE 15), é a razão da sua existência, pois “ela existe para evangelizar” (NE 14).

A partir de então o termo “evangelização” entrou para a consciência da Igreja, tornou-se atual em teologia e a mais comum definição de “Igreja” sendo muitas vezes usado, simplesmente, com o significado do conjunto de atividades e até substituindo termos como “apostolado” e “pastoral”, etc.

No entanto, foi durante as deliberações do Terceiro Sínodo dos Bispos em 1974, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, quando apareceu o assunto da necessidade de, como que uma “reevangelização” das pessoas que têm sido batizadas, porém, não vivem o seu batismo ao lado das que se recusam de receber o anúncio e não acreditam:

Secularismo ateu e ausência de prática religiosa encontram-se entre os adultos e entre os jovens, nas elites e nas massas, em todos os setores culturais, no seio das antigas e das jovens Igrejas. A ação evangelizadora da Igreja, que não pode ignorar estes dois mundos nem ficar parada diante deles, tem de procurar constantemente os meios e a linguagem adequados para lhes propor a revelação de Deus e a fé em Jesus Cristo (EN 56).

Embora não fosse ainda usado o termo “nova evangelização”, vê-se claramente a preocupação da Igreja sobre a necessidade de uma nova evangelização dos batizados que abandonaram a fé.

O termo entrou nos ensinamentos da Igreja através da encíclica *Redemptoris missio* do Papa João Paulo II. Mas João Paulo II expressou, pela primeira vez, o termo “nova evangelização” durante a primeira visita à sua Pátria, a Polônia, em 1979, na cidade de Nowa Huta⁵:

⁵ Nowa Huta: uma cidade nas proximidades de Cracóvia, na Polônia, planejada pelo governo comunista, como a primeira cidade sem Deus. Os operários reagiram e com o apoio do então, cardeal de Cracóvia, Karol Wojtyła,

Iniciou uma nova evangelização, quase como se se tratasse de um segundo anúncio, embora na realidade seja sempre o mesmo. A cruz está erguida sobre o mundo que gira. Agradecemos hoje, diante da cruz de Mogila, da cruz de Nowa Huta, este novo início da evangelização aqui verificada. E pedimos todos que frutifique, tal como a primeira — ou melhor, ainda mais (*Homilia. 09. 06.79*).

Desde aquele momento, nas suas homilias e pronunciamentos encontra-se o tema da “nova evangelização”, sobretudo nas viagens apostólicas ao continente latino-americano, depois na Europa. Também durante a 3ª peregrinação para sua Pátria, o Papa João Paulo II recordou que a Polônia, assim como toda a Europa Cristã, precisa de uma “nova evangelização” (*Homilia da missa de encerramento do Congresso Eucarístico Nacional, Polônia. 14.06.1987*)

Na *Redemptoris missio* o Papa João Paulo II define a nova evangelização como o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo entre aqueles batizados, que perderam “o sentido vivo da fé ou, simplesmente não se consideram mais como membros da Igreja, levando uma vida afastada de Cristo e seu Evangelho” (nº. 33). Assim, para João Paulo II, são os destinatários que definiam as formas de uma única missão da Igreja: para as nações ou grupos que ainda não crêem em Cristo, onde não aconteceu a proclamação do Evangelho aplica-se a missões *ad gentes*; para as pessoas e grupos sociais, que já crêem em Cristo, a pastoral; para o povo que vive nas regiões de antiga evangelização, que perderam o sentido da fé, ou não se consideram mais membros da Igreja, a nova evangelização. Por conseguinte, é evidente que os destinatários da nova evangelização são pessoas batizadas, que permanecem à margem da vida cristã e estão levando a vida diferente da de Cristo e o seu Evangelho. É aquele que foi batizado, mas a sua fé deixou de desempenhar um papel importante, ou na sua vida cotidiana vive uma dicotomia entre a fé proclamada e vivida.

A nova evangelização, no magistério do Papa João Paulo II caracterizou-se como novos métodos, nova nas expressões. Dizia que para as pessoas que estão fora da Igreja, tem que procurar métodos específicos, a fim de poder devolvê-los para Cristo. Não especificava, mas apontou especialmente para os meios de comunicação social. Falando sobre o novo ardor, referia-se à auto evangelização da Igreja em geral e daqueles que são chamados a anunciar a

colocaram a cruz na praça da cidade. Esta cruz foi solenemente benta por ele e, apesar das represálias do governo, no lugar foi construída uma igreja.

Boa Nova. Quanto às expressões, nova no jeito de apresentar os conteúdos, mas não novos conteúdos, pois não há um novo Evangelho. Os conteúdos permanecem os mesmos, aqueles que derivam da Revelação. O que pode haver é colocar em evidência conteúdos que no passado foram pouco destacados, que permaneceram na sombra ou não foram valorizados. Foi assim que João Paulo II insistia que a nova evangelização deve anunciar não só na verdade sobre Deus, mas também a verdade sobre o homem, a verdade sobre a revelação de Deus realizada definitivamente em Jesus Cristo e a verdade completa sobre o homem baseada no Evangelho. Em síntese, portanto, os conteúdos da nova evangelização são Deus e o homem.

João Paulo II insistia na nova evangelização porque na Europa apareceu uma nova situação. Nos países da Europa Central e Oriental o comunismo caiu. O Papa João Paulo II chama isso de um sinal do tempo. Mesmo que caiu o muro de Berlim, no entanto permaneceu um patrimônio específico, uma mudança de mentalidade, a perda de sensibilidade nos contatos pessoais, a degradação social e econômica.

A Europa depois do ano 1989 era constituída de países em que o Evangelho tinha sido reprimido e países onde o Evangelho tinha sido esquecido. Daí o grande chamado do Papa João Paulo II, para começar uma nova evangelização "ad gentes" nos países da Europa Oriental e despertar a fé esquecida na Europa Ocidental. Em cada uma dessas partes da Europa aconteceu algo estranho: no Leste, a pessoa tornou-se presa de um sistema sócio-político, e no Oeste, ela foi dedicada à prosperidade. Na Europa Oriental foi publicada a "morte de Deus" através da ideologia e na Europa Ocidental, anunciada a morte de Deus sob a influência da filosofia e secularidade. Em síntese, o europeu do século XX era uma pessoa, para a qual Deus permaneceu fora do seu horizonte de pensamento. Portanto, a tarefa da nova evangelização: é restaurar para a Europa os valores cristãos, ou melhor, devolver à fé, sua alma.

2. A Nova Evangelização no Magistério de Bento XVI

Se para João Paulo II, a nova evangelização destinava-se particularmente aos países descristianizados da antiga evangelização, para o Papa Bento XVI, ainda que tenha humildemente continuado o programa de seu antecessor, a nova evangelização diz respeito a

toda a vida da Igreja. Tal visão foi claramente explicitada na homilia da santa missa para a conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a “Nova Evangelização para a transmissão da fé” em 28.10.2012. A evangelização deve estar presente na vida toda da Igreja. Na pastoral ordinária convocando-a para ser “mais animada pelo fogo do Espírito a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade”; na *missão ad gentes* sublinhando a necessidade de um renovado dinamismo missionário, pois é dever da Igreja evangelizar e é direito de cada pessoa conhecer Jesus Cristo. Na ocasião, recolhendo os frutos do Sínodo acima citado, disse que há muitos ambientes na África, na Ásia e na Oceania, onde os habitantes aguardam o primeiro anúncio do Evangelho. E, por fim, a nova evangelização diz respeito ao novo impulso que lança a Igreja para além da sua pastoral tradicional, ao encontro das pessoas batizadas que, porém, não vivem as exigências do Batismo, a luz da sua fé se debilitou, se afastaram de Deus deixando de O considerarem relevante na própria vida e estão afastadas da comunidade. Este terceiro aspecto da missão da Igreja, desafia-a para procurar novos métodos, novas linguagens que propiciem um diálogo de simpatia e amizade fundamentado em Deus que é Amor, a fim de que estas pessoas encontrem de novo Jesus Cristo, redescubram a alegria da fé e voltem à prática religiosa na comunidade dos fiéis.

Bento XVI, mostra ainda que a nova evangelização diz respeito a toda vida da Igreja porque a globalização provocou um grande deslocamento de populações e houve uma globalização de mentalidade em que “os processos da secularização e de uma difundida mentalidade niilista, em que tudo é relativo, marcaram profundamente a mentalidade comum” bem como a globalização dos destinatários, pois em todos os continentes se encontram pessoas a quem se impõe a necessidade do primeiro anúncio, como também os “descristianizados” que necessitam de um novo encontro com Jesus Cristo e a redescoberta da alegria de crer. É por esta razão que insiste também que os novos métodos e novas linguagens devem ser apropriados às diversas culturas do mundo.

A nova evangelização faz-se necessária também para os fiéis que frequentam regularmente a comunidade porque estes cristãos não estão imunes dos movimentos históricos

do secularismo e relativismo e entre eles não poucos também vivem a fé de modo passivo e privado, rejeitam o esforço da educação para a fé, há dicotomia entre vida e fé.

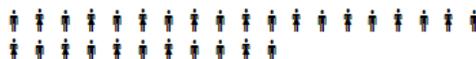
Com efeito, no nosso tempo é necessária uma renovada educação para a fé, que inclua sem dúvida um conhecimento das suas verdades e dos acontecimentos da salvação, mas, sobretudo que nasça de um encontro verdadeiro com Deus em Jesus Cristo, do amá-lo, do ter confiança nele, de modo que a vida inteira seja envolvida por Ele (Homilia 24.10.2012).

A nova evangelização é recomeço da missão. Segundo dados estatísticos fornecidos pelo Jaime C. Patias⁶, assessor da Pontifícia União Missionária, somando os cristãos de todas as denominações, somente 3% estão ligados a uma comunidade, 27% são batizados, mas vivem desligados da comunidade e da vida cristã e 70% ainda esperam pelo primeiro anúncio:

O mundo em 100 pessoas



3 precisam do serviço pastoral



27 pessoas precisam da Nova Evangelização



70 pessoas precisam da missão ad gentes

Nas explicitações de Bento XVI, percebe-se que a preocupação principal da nova evangelização, não é o regresso à Igreja ou “arrebanhamento” de grandes multidões para dentro da Igreja, mas a de dar o verdadeiro sentido para a vida de cada pessoa, a qual tem o direito de receber o anúncio do Evangelho:

A vida é muitas vezes levada com superficialidade, sem ideais claros nem esperanças sólidas, no contexto de vínculos sociais e familiares fluidos, provisórios. Sobretudo as novas gerações não são educadas para a busca da verdade e do sentido profundo da existência, que ultrapasse o contingente, para a estabilidade dos afetos, para a confiança. Ao contrário, o

⁶ Fonte: www.pom.org.br

relativismo leva a não ter pontos firmes, suspeita e volubilidade provocam rupturas nos relacionamentos humanos, enquanto a vida é vivida com experiências que duram pouco, sem assunção de responsabilidade (Audiência Geral, 17.10.12).

Assim, o objetivo da nova evangelização num mundo em rápida mudança refere-se a dois aspectos o doutrinal (*fides quae*), e o experiencial (*fides qua*). Quanto ao primeiro aspecto, o doutrinal, se trata, não de conteúdos estáticos, mas que dizem respeito à vivência e consiste em:

percorrer um caminho para retomar e aprofundar as verdades centrais da fé sobre Deus, o homem, a Igreja e toda a realidade social e cósmica, meditando e ponderando sobre as afirmações do Credo. E gostaria que fosse claro que estes conteúdos ou verdades da fé (*fides quae*) se relacionam diretamente com a nossa vida (Audiência Geral, 17.10.12).

Ao que se refere ao segundo aspecto, o experiencial, trata-se de um “novo encontro com o Senhor, o único que dá sentido profundo e paz para a nossa existência; para favorecer a redescoberta da fé, a fonte de graça que traz alegria e esperança na vida pessoal, familiar e social” (BENTO XVI, Audiência Geral 17.10.12) e “juntamente com o sentido da vida, descobrir a própria arte de viver” (BENTO XVI, Audiência Geral 07.11.12). Se no primeiro aspecto se trata da razão, da inteligência, este segundo aspecto interfere no sentir, no coração e na prática da vida:

Os conteúdos ou verdades da fé (*fides quae*) se relacionam diretamente com a nossa vida; exigem uma conversão da existência, que dá vida a um novo modo de crer em Deus. Conhecer Deus, encontrá-lo, aprofundar os traços da sua Face põe em jogo a nossa vida, pois Ele entra nos dinamismos profundos do ser humano (Audiência Geral, 07.11.12).

Diante das transformações, das descobertas científicas e dos avanços tecnológicos, faz-se necessária uma resignificação da dimensão religiosa, dando razões à fé (Cf. 1 Pd 2,16) à altura do ser humano atual, numa relação proveniente da intimidade com o *Logos* e não permanecendo num cristianismo de devoções, de religiosidade popular de caráter mitológico:

Vivemos verdadeiramente em uma época na qual é necessária nova evangelização; uma época na qual o único Evangelho deve ser anunciado em sua racionalidade grande e imutável, e, juntamente, naquela sua potência que supera aquela racionalidade, de modo tal a alcançar de maneira nova o nosso pensar e a nossa compreensão (Luz do Mundo, 2011. Pg. 168).

Segundo Bento XVI, a nova evangelização pode contar com grandíssimas forças de apoio que estão despontando apesar do secularismo e relativismo. Uma grande força é o fato de,

apesar da secularização, haver tantos crentes que buscam saciar sua sede de Deus mesmo em fontes que não saciam. Outro sinal é o reconhecimento de chefes por nações, de que, sem uma “autoridade religiosa”, isto é, sem Deus, o mundo não pode funcionar. E um terceiro sinal é a ciência reconhecendo seus limites. Muitos cientistas afirmam que “o conjunto das coisas deve ter vindo de algum lugar e que devemos, portanto, colocar esta pergunta” (2011. Pg. 168).

REALIDADES QUE CLAMAM POR UMA “NOVA EVANGELIZAÇÃO”

Para conhecer o núcleo central, a essência, os apelos da nova evangelização bem como seus conteúdos, suas exigências e interpelações faz-se necessário aprofundar as realidades que clamaram pela Nova Evangelização. Por isso esta terceira parte será dedicada a analisar o contexto social e eclesial, bem como o porquê, de hoje, depois de cinquenta anos de um Concílio que foi um verdadeiro sopro do Espírito Santo, haver uma “profunda crise de fé” (PF 2), e isto, não só na vida dos não cristãos, mas na vida dos cristãos e até dos consagrados.

1. Contexto Social: o desaparecimento da Luz

“*Eu sou a luz do mundo*” (Jo 8, 12), “*Vós sois a luz do mundo*” (Mt 5, 14). É misterioso e magnífico o fato que Jesus tenha dito de Si próprio e de cada um de nós a mesma coisa, ou seja, que *somos luz*. Impressionante é também como o tema da luz se liga à divindade, não só nas Escrituras⁷, mas também no mundo pagão onde se desenvolveu o culto ao deus sol. Os cristãos reconheceram que a única e verdadeira luz que ilumina os horizontes da vida no tempo e na eternidade, que “dá sentido pleno à história do mundo e do homem começa a resplandecer na gruta de Belém” (Audiência, 12.12.12). Fazendo coincidir o Natal com a festa do deus sol, anunciam ao mundo pagão que Jesus Cristo é “Sol nascente que nos veio visitar” (Lc 1, 78), “a luz que ilumina as nações” (Lc 2, 2); o “verdadeiro Sol”, no dizer de São Cipriano; o único, segundo São Justino, pelo qual se doa até a própria vida (cf. LF 2).

⁷ “O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz” (Is 9, 2).

O homem, de fato, caminha sempre em busca da luz, embora nem sempre encontre o caminho que conduz à verdadeira luz. Prova disto é que nos tempos modernos, o homem, orgulhoso do seu saber, considerou a verdadeira luz, a luz da fé, como treva e, seguindo sua razão separada da fé, caminhou para a obscuridade metendo a humanidade no temor do desconhecido (cf. LF, 2).

Secularização, relativismo, individualismo, desertificação espiritual, ateísmo prático, são as expressões mais usadas por Bento XVI para descrever o estado de escuridão que se encontra uma sociedade que perdeu sua referência a Deus. Segundo ele, no passado, no Ocidente, a sociedade considerava-se cristã. No cotidiano movia-se a numa atmosfera de fé, referia-se a Deus e “quem não acreditava devia justificar a própria incredulidade” (Audiência Geral, 14.11.2012). Mas, o mundo se modificou. A sociedade passou por uma profunda transformação, também em relação a um passado recente, e em movimento contínuo:

“Vivemos numa época em que são evidentes os sinais do secularismo. Deus parece ter desaparecido do horizonte de várias pessoas ou ter-se tornado uma realidade diante da qual o homem permanece indiferente” (Audiência Geral, 11.05.2011). “Os processos da secularização e de uma difundida mentalidade niilista, em que tudo é relativo, marcaram profundamente a mentalidade comum” (Audiência Geral, 17.10. 2012).

Agora, quem crê é que “deve ser capaz de dizer a razão da sua fé” (Audiência Geral,14.11.2012). Desenvolveu-se um tipo de cultura que “educou a mover-se só no horizonte das coisas, do realizável, a acreditar unicamente naquilo que se vê e se toca com as próprias mãos” (Audiência Geral,24.10.2012). O homem, no decorrer da história, especialmente no último século, tem feito incríveis descobertas. Os êxitos da técnica, do mundo da planificação, do cálculo exato e da experimentação, em síntese, o saber da ciência, tem sido importantíssimo para a vida do homem e é um grande bem a favor da vida. No entanto:

(...) juntamente com tantos sinais de bem, aumenta ao nosso redor um certo deserto espiritual. Às vezes tem-se como que a sensação, a partir de certos acontecimentos dos quais recebemos notícias todos os dias, que o mundo não caminha rumo à construção de uma comunidade mais fraterna e mais pacífica; as próprias ideias de progresso e de bem-estar mostram também as suas sombras, (...) o homem não parece ter-se tornado verdadeiramente mais livre, mais humano; subsistem muitas formas de exploração, de manipulação, de violência, de prepotência, de injustiça... (Audiência 24.10.2012).

O iluminismo excluiu Deus revelado da sociedade, criticou fortemente a religião, considerando-a como treva. Emergiram os sistemas políticos ateus disseminando a ideia de que Deus é uma projeção ilusória do desejo humano, que leva os homens à alienação. As utopias das sociedades perfeitas foram projetadas como livres de Deus, reduzidas somente à dimensão horizontal. Tais ideologias desencadearam os totalitarismos com as mais trágicas consequências de toda história e a crise de valores que vemos e vivemos hoje.

No século XX, o processo de secularização se deu “sob a bandeira da autonomia absoluta do homem”. A centralidade de Deus foi substituída pela centralidade do próprio “eu”. O homem tornou-se “a medida e o artífice da realidade, mas empobrecido do seu ser criatura «à imagem e semelhança de Deus” (Audiência Geral, 14.11.2012). Com tal atitude o homem conheceu sérias consequências:

Obscurecendo a referência a Deus obscureceu-se também o horizonte ético, abrindo espaço ao relativismo e confirmando-se uma concepção ambígua da liberdade que em vez de ser liberatória acaba por ligar o homem a ídolos (Audiência Geral, 14.11.2012).

A experiência do século XX, com as duas trágicas guerras mundiais, mostrou que sem referência a Deus, “o homem pôde deslanchar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo” (Homilia 13.05.10). Ele mesmo pôs em crise aquele progresso que a razão autônoma do homem sem Deus parecia poder garantir:

Olhando para a história recente, malogrou a previsão de quem, desde a época do Iluminismo, preanunciava o desaparecimento das religiões e exaltava uma razão absoluta, separada da fé, uma razão que teria esmagado as trevas dos dogmatismos religiosos e dissolvido o “mundo do sagrado”, restituindo ao homem a sua liberdade, a sua dignidade e a sua autonomia de Deus (Audiência Geral, 11.05.2011).

O saber da ciência, embora seja importante para a vida do homem, sozinho não é suficiente. Os homens cansaram-se do racionalismo puro, da visão puramente horizontal, material da vida humana. A dimensão religiosa que o homem tentou sufocar com os êxitos da técnica, do mundo da planificação, do cálculo exato e da experimentação, veio à tona, reclamando espiritualidade. Há um despertar para o sentido religioso, uma redescoberta do valor do sagrado para a vida do homem. Por outro lado, “aumenta o número daqueles que se sentem desorientados e, na tentativa de ir além de uma visão apenas horizontal da realidade,

estão dispostos a crer em tudo e no seu contrário” (Audiência, 24.10.2012). As questões fundamentais sobre a vida estão se sobressaindo e o o homem se pergunta cada vez mais: “Que sentido tem viver? Há um futuro para o homem, para nós e para as novas gerações? Para que rumo orientar as opções da nossa liberdade, para um êxito bom e feliz da vida? O que nos espera além do limiar da morte?” (Audiência, 24.10.2012).

No entanto, falta uma adequada educação para a fé, “que inclua sem dúvida um conhecimento das suas verdades e dos acontecimentos da salvação, mas, sobretudo, que nasça de um encontro verdadeiro com Deus em Jesus Cristo. É o fato de amá-lo, de ter confiança nele, de modo que a vida inteira seja envolvida por Ele (Audiência, 24.10.2012), que conduz à experiência do encontro pessoal e comunitário com a pessoa de Jesus Cristo (Cf. DCE 1; DA 11). Contudo, o atual despertar para o sentido do sagrado desembocou num pluralismo religioso. Construiu-se o “supermercado” da religião moldando a mentalidade de que cada um pode escolher o que mais satisfaz, momentaneamente, sua necessidade religiosa, sem preocupar-se com a verdade. Na preparação do Sínodo sobre a Nova Evangelização, em todos os Continentes foram evidenciados sinais graves da relativização da fé. Bento XVI explicita-os:

Uma fé vivida de modo passivo e privado, a rejeição da educação para a fé, a ruptura entre vida e fé. Muitas vezes o cristão não conhece nem sequer o núcleo central da própria fé católica, do Credo, de modo a deixar espaço a certo sincretismo e relativismo religioso, sem clareza sobre as verdades nas quais crer e sobre a singularidade salvífica do cristianismo. Hoje não está muito distante o risco de construir, por assim dizer, uma religião personalizada. Assim, a vida é muitas vezes levada com superficialidade, sem ideais claros nem esperanças sólidas, no contexto de vínculos sociais e familiares fluidos, provisórios. Sobretudo as novas gerações não são educadas para a busca da verdade e do sentido profundo da existência, que ultrapasse o contingente, para a estabilidade dos afetos, para a confiança. (Audiência Geral, 17.10. 2012).

Tal situação gerou um fenômeno mais complicado e desafiante para a evangelização chamado ateísmo “prático”, classificado por Bento XVI como um perigo para a fé:

No nosso tempo verificou-se um fenômeno particularmente perigoso para a fé: de fato, existe uma forma de ateísmo que definimos «prático», no qual não se negam as verdades da fé ou os ritos religiosos, mas simplesmente se consideram irrelevantes para a existência quotidiana, destacadas da vida, inúteis. Então, com frequência, cremos em Deus de modo superficial, e vivemos «como se Deus não existisse» (*etsi Deus non daretur*). Mas, no final este modo de viver resulta ainda mais destrutivo, porque leva à indiferença à fé e à questão de Deus (Audiência, 14.12.2012).

A fé não interfere no real da vida, nas decisões, no jeito de viver, nas atitudes. Ela foi relegada a uma espécie de “gaveta” que é aberta em alguns momentos ou a um deus fechado no templo ao qual se visita de vez em quando e ao qual se recorre quando surge uma necessidade.

Há uma fuga da verdadeira experiência de Deus, o Deus encarnado, real, o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, porque “conhecer Deus, encontrá-lo, aprofundar os traços da sua Face põe em jogo a nossa vida, pois Ele entra nos dinamismos profundos do ser humano” (Audiência Geral, 14.11.2012).

A vida cristã tem uma meta alta: assimilar-se a Cristo. E o desfecho desta meta é a lei do grão de trigo, ou seja, a participação no mistério da cruz que, quando omitida, se omite a essência do cristianismo (cf. 1 Cor 2, 2). Esta linguagem não soa bem aos ouvidos do homem moderno (RATZINGER. Intervenção, 10.12.2000) que faz tentativas de saciar sua sede em poços que lhe parecem mais cômodos e alcançáveis. Por medo de despojar-se de si mesmo e abraçar o Cristo, continua “morrendo” de sede. No entanto, Ratzinger afirma que o próprio secularismo e relativismo são uma forma de manifestar sua sede de infinito e de comunhão com um “Alguém” que, de fato, preencha seu vazio:

Na realidade todos temos sede do infinito: de uma liberdade infinita, de uma felicidade sem limites. Toda a história das revoluções dos últimos dois séculos só se explica desta forma. A droga explica-se assim. O homem não se contenta com soluções abaixo do nível da divinização. Todos os caminhos oferecidos pela "serpente" (Gn 3, 5), que significa pela sabedoria mundana, falham. O único caminho é a comunhão com Cristo, realizável na vida sacramental. (Intervenção, 10.12.00).

Quanto mais o ser humano busca saciar sua sede de infinito em fontes equivocadas, mais se afunda no lamaçal do mal, pois sem Deus, o homem jamais encontrará sua plenitude e viverá numa luz ilusória. Prova disso é a situação dos países ricos materialmente que, para preencher as insatisfações das suas sociedades abastadas, se servem dos países pobres para obter droga e turismo sexual. Comentando o relato dos bispos da América Latina, Bento XVI diz:

Esta é, também, uma responsabilidade terrível do Ocidente: tem necessidade de drogas e, assim cria países que lhe forneçam o que, a seguir findará por desgastá-lo e destruí-lo. Surgiu uma fome de felicidade que não consegue saciar-se com o que existe, e que, no final, refugia-se, por assim dizer, no paraíso do diabo e destrói completamente o ser humano (...). Estão em

andamento processos de destruição de enorme alcance [sobre o turismo sexual] gerados pelo tédio, pela falsa liberdade e pela excitação do mundo ocidental. O homem aspira a uma alegria sem fim, quer gozar para além de qualquer limite, anseia pelo infinito. No entanto, onde não há Deus, isto não lhe é consentido. E assim ele mesmo é que deve criar a mentira, o falso infinito (Luz do Mundo, pg. 84).

Assim caracterizado, se pode comparar o homem contemporâneo como o peregrino do deserto que vive o processo de miragem. Ele se engana pensando que a luz refletida pelo objeto, é um fenômeno real tamanha é sua sede de encontrar a água vida. Bento XVI vê, neste fenômeno, o terreno propício para a nova evangelização:

(...) é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio, que podemos redescobrir a alegria de crer, a sua importância vital para nós homens e mulheres. No deserto é possível redescobrir o valor daquilo que é essencial para a vida; assim sendo, no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente (Homilia, 11.10.2012)

Mas o que precisa para que este “deserto” interior e exterior que permeia o coração do homem e o mundo possa ser regado com o “único necessário” capaz de flori-lo?

E no deserto existe, sobretudo, necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança. A fé vivida abre o coração à Graça de Deus que liberta do pessimismo. Hoje, mais do que nunca, evangelizar significa testemunhar uma vida nova, transformada por Deus, indicando assim o caminho. (...) uma peregrinação nos desertos do mundo contemporâneo, em que se deve levar apenas o que é essencial: o Evangelho e a fé da Igreja, dos quais os documentos do Concílio Vaticano II são uma expressão luminosa... (Homilia, 11.10.2012).

Precisa-se de pessoas de fé que com as “próprias vidas” indiquem o caminho. Pois “evangelizar não é simplesmente uma forma de falar, mas uma forma de viver: viver em escuta e fazer-se voz do Pai. ‘Não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido’, diz o Senhor acerca do Espírito Santo (cf. Jo 16, 13)” (RATZINGER. 10.12.2000). Na sua gênese, não foi precisamente esta a missão da vida consagrada?

2. Contexto Eclesial: a opacidade da luz

Que a escuridão da secularização, do relativismo, do individualismo e do ateísmo prático tenha dominado o espírito de muitos contemporâneos, isto já é sabido, suas causas são conhecidas, e, para quem crê, é um forte apelo de Deus para empreender, com convicção e

garra, a missão de reavivar, em toda a Igreja, o desejo ardente de anunciar novamente Cristo ao homem contemporâneo:

Este é um dos sinais dos tempos que deve representar para nós, cristãos, um desafio urgente. Devemos viver de modo a mostrar que o infinito de que o homem tem necessidade pode provir somente de Deus; que Deus é nossa primeira necessidade para poder enfrentar a tribulação deste tempo; que, em certo sentido, devemos mobilizar todas as forças da alma e do bem a fim de que se imponha uma imagem verdadeira contra a que é falsa, e assim se possa romper o circuito ininterrupto do mal (Luz do Mundo, pg. 84).

No entanto, que, comunidades do cinquentenário de Concílio Vaticano II, cristãos e, mais ainda, religiosas e religiosos, dentre os quais muitos presbíteros e bispos que, por profissão religiosa e sacramento da ordem se comprometeram publicamente a ser na Igreja testemunhas da luz de Cristo proporcionando um modelo evangélico de vida alternativa à mentalidade dominante, tenham permitido que tal mentalidade, não só ofusque a beleza da luz da fé em Jesus Cristo, mas até, espelhem-na, é lamentável. “Não podemos aceitar que o sal se torne insípido e a luz fique escondida (cf. Mt 5, 13-16)” (PF 3). É por isso que a Nova Evangelização deve partir de dentro de cada pessoa, de cada comunidade, da própria Igreja. Dos ensinamentos e admoestações de Bento XVI, entende-se que o problema principalmente gritante não está no fato de haver um grande número de pessoas indiferentes à fé, nem nos que ainda não receberam o primeiro anúncio da fé, e nem mesmo nos que se declaram ateus, ou os vivem numa luz ilusória ou até mesmo nos que vivem na imoralidade. O problema não é a escuridão, mas a falta da luz, pois a escuridão se deixa vencer assim que a luz desponta. O problema está nos cristãos, no clero (bispos, sacerdotes e diáconos) e principalmente em nós religiosos e religiosas – que por profissão deveríamos exercer a missão profética na Igreja e no mundo – mas que, “com frequência, cremos em Deus de modo superficial, e vivemos «como se Deus não existisse» (*etsi Deus non daretur*)” (Audiência Geral, 14.11.2012); e, ainda que digamos acreditar e viver a nossa vocação, o estilo de vida e os nossos pensamentos não só não irradiam a luz de Deus, mas, muito pelo contrário, refletem a mentalidade da cultura secularizada. E isto é descristianização.

Do texto de Mc 10, 46-52, que foi o Evangelho da liturgia diária do dia 28 de outubro de 2012, na homilia da missa de conclusão do Sínodo sobre a Nova Evangelização para a transmissão da fé, Bento XVI trouxe à luz o ícone do cego Bartimeu mostrando nele a síntese de

todos os elementos da Nova Evangelização. Citando Santo Agostinho, mencionou que o fato de Marcos referir, neste caso, não só o nome da pessoa que é curada, mas também de seu pai, “Bartimeu, filho de Timeu”, mostra que ele era um personagem decaído numa situação de grande prosperidade, e a sua condição de miséria devia ser universalmente conhecida e de domínio público, pois não era apenas cego, mas um mendigo que estava sentado na beira da estrada. Com isso Marcos não mostrou não só a ressonância do milagre, mas “como grande era a fama da desventura que atingira o cego” (SANTO. AGOSTINHO. O consenso dos evangelistas, 2, 65, 125: PL 34, 1138). Ampliando a compreensão do ícone, Bento XVI diz:

Bartimeu não é cego de nascença, mas perdeu a vista; perdeu a luz e está ciente disso, mas não perdeu a esperança; soube agarrar a possibilidade do encontro com Jesus e confiar-se a Ele para ser curado sem medo de gritar: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!” (Mc 10, 47), e repetiu-o vigorosamente (v. 48). E quando Jesus o chama e lhe pergunta que quer d’Ele, responde: “Mestre, que eu veja!” (v. 51). No encontro com Cristo, vivido com fé, Bartimeu readquire a luz que havia perdido e, com ela, a plenitude da sua própria dignidade: põe-se de pé e retoma o caminho, que desde então tem um guia, Jesus, e uma estrada, a mesma que Jesus percorre (Homilia 28.10.2012).

O texto mostra-nos que o discípulo é aquele que, com a luz da fé, segue Jesus “pelo caminho” (v. 52) e trazido para o contexto da Nova Evangelização:

Bartimeu poderia representar aqueles que vivem em regiões de antiga evangelização, onde a luz da fé se debilitou, e se afastaram de Deus, deixando de O considerarem relevante na própria vida: são pessoas que deste modo perderam uma grande riqueza, «decaíram» numa alta dignidade – não econômica ou de poder terreno, mas a dignidade cristã –, perderam a orientação segura e firme da vida e tornaram-se, muitas vezes inconscientemente, mendigos do sentido da existência. São as inúmeras pessoas que precisam de uma nova evangelização, isto é, de um novo encontro com Jesus, o Cristo, o Filho de Deus (cf. Mc 1, 1), que pode voltar a abrir os seus olhos e ensinar-lhes a estrada (ID, *ibid*).

A lei da física mostra que quanto maior é a altura, tanto maior é a queda e o estrago que ela provoca. Com toda certeza, a constatação acima, onde afirma-se que o problema está principalmente nos religiosos e religiosas que, com frequência, creem em Deus de modo superficial, e vivem *etsi Deus non daretur*, criará não pouco desconforto. Porém, a verdade é que, pela profissão religiosa, os consagrados e consagradas, se obrigaram publicamente, viver na dimensão da fé, viver em Deus e para Deus totalmente, com um coração indiviso:

A quem foi concedido o dom de seguir mais de perto o Senhor Jesus, é óbvio que Ele possa e deva ser amado com coração indiviso, que se Lhe possa dedicar a vida toda e não apenas alguns gestos, alguns momentos ou algumas atividades. O perfume de alto preço, derramado como puro ato de amor e, por conseguinte, fora de qualquer consideração « utilitarista », é

sinal de uma *superabundância de gratuidade*, como a que transparece numa vida gasta a amar e a servir o Senhor, a dedicar-se à sua Pessoa e ao seu Corpo Místico. Mas é desta vida « derramada » sem reservas que se difunde um perfume que enche toda a casa. A casa de Deus, a Igreja, é adornada e enriquecida hoje, não menos que outrora, pela presença da vida consagrada (VC,13).

É um ideal alto e o mundo espera que os religiosos sejam de fato especialistas de Deus. Por isso, para a evangelização, há menos prejuízo a simples não existência de religiosos, religiosas e, digamos também, sacerdotes e bispos, do que a existência deles crendo em Deus de modo superficial e agindo “como se Deus não existisse”. O contratestemunho, não só não anuncia Cristo, mas, ao contrário, anuncia que Cristo é uma mentira e resulta numa “destruição ainda maior porque leva à indiferença à fé e à questão de Deus” (Audiência Geral, 14.11.12).

O escândalo é um mal grave porque fecha as portas a Deus para si mesmo e para todos os que o vêem. Repetimos: na evangelização “não existe prioridade maior do que esta: reabrir ao homem atual o acesso a Deus” (VD 2). Por isso, Jesus ofereceu um medicamento radical:

Se teu olho direito é para ti causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, a que o teu corpo todo seja lançado na geena. E se tua mão direita é para ti causa de queda, corta-a e lança-a longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, a que o teu corpo inteiro seja atirado na geena (Mt 5,29-30).

Deus não é algo óbvio na vida de uma pessoa ou comunidade simplesmente porque está enquadrada numa estrutura eclesial ou religiosa. Aos fariseus e saduceus que pensavam que fugiriam da ira de Deus só porque eram da descendência de Abraão, Joa Batista diz: “Produzi frutos dignos de arrependimento e não penseis que basta dizer: ‘temos por pai a Abraão’. Pois eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos de Abraão” (Lc 3, 9-10). Há pessoas que não são do clero, não professaram votos religiosos, não estão em estruturas religiosas ou eclesiais, no entanto, vivem as vinte e quatro horas do dia na dimensão da fé. Neste contexto, se pode aplicar à vida consagrada e ao clero, aquilo que Bento XVI disse a respeito da sensação que o Papa tem diante do bilhão e 200 mil pertencentes à Igreja católica. Dize ele, “existem muitos que, de fato, na realidade de seu íntimo, não fazem parte dela”. Na mesma ocasião, recordou também que “Santo Agostinho já no seu tempo, dizia: muitos que

parecem estar dentro, estão fora; e muitos que parecem estar fora, estão dentro” (Luz do Mundo, pg 22).

Antes de ser eleito papa, o então Cardeal Ratzinger, durante a *Via Crucis* da Sexta - feira da Paixão de 2005, chamava a atenção com as seguintes palavras:

Quantas vezes celebramos somente a nós mesmos, sem ao menos dar-nos conta Dele! Quantas vezes sua Palavra é distorcida e desonrada! Quanta imundície existe na Igreja, e juntamente entre aqueles que, no sacerdócio, deveriam pertencer completamente a Ele! (Luz do Mundo, pg. 53).

Nos anos 70, segundo Bento XVI, teve início uma teoria que defendia a tese de que: “Não existe algo de mal em si. Existe apenas um mal relativo. O que é bem ou mal dependeria das consequências”. Assim, argumentava-se que a pedofilia deveria ser considerada uma coisa positiva. Tal teoria penetrou também na moral católica. Sutilmente desenvolveu-se a ideia de que “o bem pode negociar com o mal” Segundo, o Papa, isto dá vazão à expansão do mal, o que, por fim, leva o homem a não encontrar mais o limite. Ele fala claramente desta dinâmica do mal, referindo-se à pedofilia, mas podemos transpor este ensinamento para tantas outras formas de infidelidade:

É claro que, em geral, a pedofilia é mais uma doença; mas o fato de que pudesse enraizar-se deste modo e expandir-se em tal medida, deveu-se também a uma situação espiritual pela qual, na Igreja, começaram a ser colocados em discussão os fundamentos da teologia moral, o bem e o mal. Bem e mal tornaram-se intercambiáveis, e não se encontram mais claramente em oposição um ao outro. Em semelhante contexto, no qual tudo é relativo, e o mal de per si não existe – existe apenas o bem relativo e o mal relativo -, as pessoas têm tendência a uma atitude semelhante, não encontram mais limites (Luz do Mundo, pg. 57).

Segundo Bento XVI há uma luta interior histórica entre o “eu” pagão e a presença de Deus. É preciso dar-se conta desta realidade:

Que devido ao pecado original, que está na estrutura do homem, o paganismo, de quando em vez, ressurgir nele, é uma experiência que atravessa todos os séculos. Confirma-se assim a verdade do pecado original. O homem recai sempre para aquém da fé, torna-se pagão, na acepção mais profunda do termo, toda vez que deseja voltar a ser unicamente ele próprio. E, no entanto, sempre se manifesta de novo a presença divina no homem. Esta é a luta que atravessa a história (Luz do Mundo, pg. 81)

A presença do individualismo e do ativismo na Igreja e na Vida consagrada são as manifestações de tal paganismo. O individualismo é a centralização em si mesmo fazendo com

que ninguém seja importante para ele, nem o pobre, nem o doente, nem o explorado, nem o amigo. Só a própria pessoa será importante para si mesmo. É o “endeusamento” de si mesmo. Uma forma de pecado original, que requer um processo de conversão urgente a fim de retornar à centralidade de Deus na vida da Igreja e na vida consagrada.

A tendência hoje difundida a relegar a fé na esfera do privado contradiz a sua própria natureza da Igreja. Precisamos de uma Igreja para confirmar a nossa fé e fazer experiência dos dons de Deus: a sua Palavra, os Sacramentos, o apoio da graça e o testemunho do amor. Assim o nosso «eu» no «nós» da Igreja poderá sentir-se, ao mesmo tempo, destinatário e protagonista de um evento que o supera: a experiência da comunhão com Deus, que funda a comunhão entre os homens. Num mundo no qual o individualismo parece regular as relações entre as pessoas, tornando-as cada vez mais frágeis, a fé chama-nos a ser Povo de Deus, a ser Igreja, portadores do amor e da comunhão de Deus para todo o gênero humano. (Audiência, 31.10.2012).

Ativismo é também uma forma de paganismo, próprio do homem que se basta si mesmo. Por falta de conexão com o Uno, perdem-se no múltiplo de tarefas e demandas, originadas, não em Deus, mas em si mesmo. É o fazer coisas sem sentido, isto é, sem ligação com a fonte - como um fio elétrico e uma lâmpada que não iluminam porque não estão conectados à fonte e querem vencer a escuridão pela agitação. No ativismo não há tempo e espaço para a ação de Deus. Confia-se unicamente nas próprias forças e reduz-se a ação evangelizadora a um mover-se só no horizonte das coisas, do realizável, acreditando unicamente naquilo que se vê e se toca com as próprias mãos. Tudo isso resulta no desejo crescente de realizar-se como ser humano, com não raras buscas de poder, de posse e de prazer.

«Não andareis vós enganadas, ignorando as Escrituras e o poder de Deus?» (Mc 12, 24). As Escrituras convidam-nos a crer: «Felizes os que acreditam sem terem visto» (Jo 20, 29), mas Deus – mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio (cf. Santo Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11) – tem o poder de chegar até nós nomeadamente através dos sentidos interiores, de modo que a alma recebe o toque suave de algo real que está para além do sensível, tornando-a capaz de alcançar o não-sensível, o não-visível aos sentidos. Para isso exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma (Card. Joseph Ratzinger, Comentário teológico da *Mensagem de Fátima*, ano 2000). Sim! Deus pode alcançar-nos, oferecendo-Se à nossa visão interior (Homilia, Fátima, 13.05.10)

Quando se fala em pastoral, é comum surgir a pergunta “o que fazer” com as pessoas que se encontram em situações tidas como “irregulares”. Dificilmente se pergunta “o que ser”

para elas. Não estaria aqui um dos pontos a ser repensado na mentalidade pastoral das nossas comunidades?

3. Interpelações da “Nova Evangelização” para a Vida Consagrada

Por ocasião de sua visita à Alemanha, no encontro com o Comitê Central dos Católicos Alemães em Friburgo, o Papa Bento XVI lembrou que existem programas chamados *exposure*⁸ no âmbito da ajuda aos países em vias de desenvolvimento. Neste programa, pessoas responsáveis pela política, pela economia, pela Igreja vão viver, durante certo tempo, com os pobres na África, Ásia ou América Latina, compartilhando a sua existência concreta de todos os dias. É uma forma de colocar-se na situação de vida destas pessoas para olhar o mundo com os olhos delas e, desta experiência, tirarem lições para o próprio agir solidário. E o Papa pediu aos católicos do Comitê que imaginasse, por exemplo, se o programa *exposure* tivesse lugar na Alemanha, com uma família alemã média, o que os pobres encontrariam? “Certamente - disse ele - admirariam muitas coisas, como o bem-estar, a ordem e a eficiência. Mas, com um olhar imparcial, constatariam também tanta pobreza: pobreza nas relações humanas e pobreza no âmbito religioso” (Discurso. 11.09.2011).

Bento XVI, ainda como Cardeal Joseph Ratzinger, durante um congresso de catequistas e professores de religião, falando sobre a nova evangelização, disse:

A Igreja evangeliza sempre e jamais interrompeu o caminho da evangelização. Celebra todos os dias o mistério eucarístico, administra os sacramentos, anuncia a palavra da vida, a palavra de Deus, empenha-se pela justiça e pela caridade. E esta evangelização dá frutos: produz luz e alegria, dá o caminho da vida a muitas pessoas; há quem viva, muitas vezes sem saber, da luz e do calor resplandecente desta evangelização permanente (Intervenção, Roma, 10.12.2000).

No entanto, Ratzinger continua seu discurso e afirma que tudo isto é bom e deve continuar, mas é insuficiente. Lembra ainda que cada pessoa tem direito ao evangelho e que temos a obrigação de procurar novos meios para que todos a ele tenham acesso:

⁸“Exposure”: do inglês e significa ficar exposto de forma muito intensa, a uma alteração brusca.

Contudo, observamos um processo progressivo e preocupante de descristianização e de perda dos valores humanos essenciais. Uma boa parte da humanidade de hoje não encontra na evangelização permanente da Igreja o Evangelho, ou seja, uma resposta convincente à pergunta: como viver? Eis por que procuramos, além da evangelização permanente, jamais interrompida e que nunca se deve deter, uma nova evangelização, capaz de se fazer ouvir por aquele mundo que não encontra o acesso à evangelização "clássica". *Todos* têm necessidade do Evangelho; o Evangelho destina-se a todos e não apenas a um círculo determinado, e, portanto somos obrigados a procurar novos caminhos para levar o Evangelho a todos (Intervenção, Roma, 10.12.2000).

Transportando a pergunta de Bento XVI para a Vida Consagrada, poderíamos perguntar: se o programa *exposure* tivesse lugar nas comunidades das congregações religiosas e, pessoas quisessem aprender como viver o batismo encarrando a vida cotidiana numa dimensão de fé cristã – que é dimensão básica da vida consagrada - o que encontrariam? Com certeza encontrariam muitos valores: há eucaristia diária e outros momentos de oração comunitária, incentivo à oração pessoal, formação, cursos, dedicação incansável ao trabalho, ao estudo, à pastoral, engajamento nos processos da Igreja. Mas será que, muitas vezes, tudo isso não fica reduzido a uma estrutura na qual os religiosos, apenas se enquadram? Será que pessoas, vindas de fora para um período, encontrariam nela a vivência de uma autêntica experiência do Amor de Deus, amor gratuito, incondicional e eterno entre os membros da comunidade (*ad intra*) e da comunidade religiosa com a comunidade Igreja e com o mundo em geral (*ad extra*) capaz de proporcionar esta experiência a quem dela se aproximar? Lembro quando um professor de Teologia explicando a dimensão escatológica da Vida consagrada, perguntava aos Religiosos: “Quem de vocês quer levar uma pessoa à sua comunidade, hoje, para que ela experimente o que é o céu?”.

Muitas pessoas carecem da experiência da bondade de Deus. Não encontram qualquer ponto de contato com as Igrejas institucionais e suas estruturas tradicionais. Mas por quê? Penso que esta seja uma pergunta sobre a qual devemos refletir muito a sério (Discurso, Friburgo, 24 09. 2011).

É comum nas assembleias, capítulos, cursos de formação das Congregações Religiosas transparecer mais a mentalidade de uma *ong* que de uma comunidade de consagrados. A provincial de uma Congregação confidenciou que em três dias de partilha sobre as realizações

das comunidades, não ouviu sequer uma vez alguma das irmãs pronunciarem o nome “Jesus Cristo”. Falando da situação da Igreja na Alemanha, Bento XVI diz:

A Igreja está otimamente organizada. Mas, por detrás das estruturas, porventura existe também a correlativa força espiritual, a força da fé no Deus vivo? Sinceramente devemos afirmar que se verifica um excedente das estruturas em relação ao Espírito. Digo mais: a verdadeira crise da Igreja (...) é uma crise de fé. Se não chegarmos a uma verdadeira renovação da fé, qualquer reforma estrutural permanecerá ineficaz (Discurso, Friburgo, 24 09. 2011).

Uma comunidade onde as pessoas possam ver e experimentar a bondade de Deus, o amor gratuito, incondicional e eterno que revela que *Deus caritas est*: esta é a contribuição principal e própria que a vida religiosa pode e deve proporcionar à ação evangelizadora da Igreja. Este é o único ponto em que cada pessoa pode, de fato, conectar-se com Deus:

As pessoas a quem falta a experiência da bondade de Deus necessitam de lugares, onde possam expor a sua nostalgia interior. E aqui somos chamados a procurar novos caminhos da evangelização. Um destes caminhos poderiam ser as pequenas comunidades, onde sobrevivem as amizades, que são aprofundadas na frequente adoração comunitária de Deus. Aqui há pessoas que contam as suas pequenas experiências de fé no emprego e no âmbito da família e dos conhecidos, testemunhando assim uma nova proximidade da Igreja à sociedade. Depois, a seus olhos, aparece de modo cada vez mais claro que todos necessitam deste alimento do amor, da amizade concreta de um pelo outro e pelo Senhor. Permanece importante a ligação com a seiva vital da Eucaristia, porque sem Cristo nada podemos fazer (cf. Jo 15, 5) (Friburgo. 24 09. 2011).

A caridade é a manifestação do amor trinitário de Deus. Bento XVI, começa a segunda parte da Encíclica *Deus Caritas Est*, citando Santo Agostinho: “Se vêes a caridade, vêes a Trindade” (19).

Conta uma história antiga, que um jovem noviço chegou ao mosteiro e lhe deram a tarefa de ajudar os outros monges a transcrever os antigos cânones e regras da Igreja. Ele se surpreendeu ao ver que os monges faziam seu trabalho a partir de cópias e não dos manuscritos originais. Foi falar com o abade e explicou que, se alguém cometesse um erro na primeira cópia, esse erro se propagaria em todas as cópias posteriores. O Abade lhe respondeu que há séculos copiavam da cópia anterior, mas que achava bem procedente a observação do noviço. Na manhã seguinte, o Abade desceu até as profundezas da caverna no porão do mosteiro, onde eram conservados os manuscritos e pergaminhos originais, intocados

há muitos séculos. Passou-se a manhã, a tarde e depois a noite, sem que o abade desse sinal de vida. Preocupado, o jovem noviço decidiu descer e ver o que estava acontecendo. Encontrou o abade completamente descontrolado, com as vestes rasgadas, batendo a cabeça ensanguentada nos veneráveis muros do mosteiro. Espantado, o jovem monge perguntou: - Abade, o que aconteceu?- Caridade! Caridade! Eram votos de "caridade" que tínhamos que fazer, e não de "castidade"!

Através da ironia dessa história, transparece a verdade de que a vida consagrada precisa voltar à essência, à fonte, ao Evangelho, à Caridade. Nota-se que houve excesso de preocupação em cunhar a vida própria de cada congregação, suas obras, finalidades e regras de vida, – o que não deixa de ser importante na sua medida – bem como a utilização de outras ciências, principalmente da Psicologia na formação humana, nas questões da afetividade, sexualidade, nos relacionamentos comunitários. Mas, por outro lado, será que não se descuidou da formação para a essência da vida consagrada: a formação para a Caridade? Para a Fé?

No contexto da nova evangelização e do ano da fé, na homilia da celebração da vida Consagrada em 2 de fevereiro de 2013, o Papa Bento XVI dirigiu aos Consagrados três convites, que constituem um verdadeiro projeto de renovação da vida consagrada.

O primeiro convite, é a volta à fonte que é Cristo através do silêncio da adoração. Estar com Ele para agir com Ele e não para executar os próprios projetos, ainda que sejam os mais perfeitos e talvez muito adequados para uma ONG:

[...] alimentar uma fé capaz de iluminar a sua vocação. Exorto-os por isso a recordar, como em uma peregrinação interior, do "primeiro amor" com o qual o Senhor Jesus Cristo aqueceu o seu coração, não por nostalgia, mas para alimentar aquela chama. E por isso, precisamos estar com Ele, no silêncio da adoração; e, assim, despertar o desejo e a alegria de compartilhar a vida, as escolhas, a obediência da fé, a bem-aventurança dos pobres, o amor radical. A partir sempre novamente deste encontro de amor vocês deixam tudo para estar com Ele e colocar-se como Ele ao serviço de Deus e dos irmãos (cf. VC 1) (Homilia, 02.02.2013).

O segundo convite, muito próprio para a situação de desencanto que a vida religiosa se encontra. Trata-se de superar a ilusão do sucesso, dos números, e transformar a fraqueza em força através de uma vida “kenótica”:

[...] saber reconhecer a sabedoria da fraqueza. Nas alegrias e nas aflições do tempo presente, quando a dureza e o peso da cruz são sentidos, não tenham dúvida de que a “kenosis” de Cristo é já vitória pascal. Precisamente no limite e na fraqueza humana, somos chamados a viver a conformação a Cristo, em uma tensão totalizadora que antecipa, na medida do possível, no tempo, a perfeição escatológica. Nas sociedades da eficiência e do sucesso, a sua vida marcada pela “minoria” e a fraqueza dos pequenos, pela empatia com aqueles que não têm voz, torna-se um evangélico sinal de contradição (ID, ibid).

O terceiro convite refere-se à principal razão de ser, da vida consagrada, a razão escatológica, o encontro face a face com Deus:

[...] renovem sua fé que os torna peregrinos em direção do futuro. Por sua natureza, a vida consagrada é uma peregrinação do espírito, à procura de um Rosto que às vezes se manifesta e às vezes se esconde: *Faciem tuam, Domine, requiram* (Sl 26,8). Este seja o desejo constante de seu coração, o critério fundamental que orienta o seu caminho, seja nos pequenos passos diários que nas decisões mais importantes (ID, ibid).

E, por fim, com um “não” Bento XVI puxa o freio daqueles que estão prontos a entrar na onda dos que anunciam a derrota da Vida consagrada “Não se unam aos profetas da desgraça que proclamam o fim ou o não sentido da Vida consagrada na Igreja dos nossos dias”. E diz que a Vida religiosa é possível revestindo-se de Jesus Cristo, usando as armas da luz, permanecendo acordados e vigilantes como exorta São Paulo (cf. Rm 13,11-14). Citando São Cromácio de Aquiléia escreveu: “Afastem-se de nós, Senhor, tal perigo para que jamais nos deixemos sobrecarregar pelo sono da infidelidade; concede-nos, porém, a sua graça e sua misericórdia, para que possamos vigiar sempre na fidelidade a Ele. De fato, a nossa fidelidade subsiste em Cristo” (Sermão 32, 4).

4. Equívocos na interpretação e aplicação do Concílio Vaticano II

Por que hoje, depois de cinquenta anos de um Concílio que foi um verdadeiro sopro do Espírito Santo, há uma “profunda crise de fé” e o “pressuposto da fé, não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado” (PF 02), e isto, não só na vida dos não cristãos, mas na vida dos cristãos e até dos consagrados?

Na homilia da celebração da Santa missa para a abertura do “Ano da fé”, fazendo memória do cinquentenário do Concílio Vaticano II, Bento XVI diz que houve equívocos na sua interpretação. Segundo ele, o Concílio Vaticano II não foi um Concílio para discutir e definir temas da doutrina, mas para tratar da tarefa comum da Igreja de como propor a Boa Nova do Evangelho ao homem contemporâneo:

O Concílio não excogitou nada de novo em matéria de fé, nem quis substituir aquilo que existia antes. Pelo contrário, preocupou-se em fazer com que a mesma fé continue a ser vivida no presente, continue a ser uma fé viva em um mundo em mudança (...) O Concílio Vaticano II não quis colocar a fé como tema de um documento específico. E, no entanto, o Concílio esteve inteiramente animado pela consciência e pelo desejo de ter que, por assim dizer, imergir mais uma vez no mistério cristão, para poder propô-lo novamente e eficazmente para o homem contemporâneo (Homilia, 11.10. 2012).

Bento XVI diz que os Padres conciliares experimentaram uma “tensão emocionante”, uma “tensão positiva” justamente porque estavam seguros da sua fé, da rocha firme em que se apoiavam e queriam torná-la conhecida à humanidade, apresentando-a de forma legível ao homem contemporâneo (cf. Homilia de 11.10.2012). E para sublinhar, citou o discurso de abertura do Concílio, no qual o Bem-aventurado João XXIII disse: “É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e apresentada de forma a responder às exigências do nosso tempo” (AAS 54 [1962], 790-791-792).

Continuando, lamentou, porém, que “nos anos seguintes, muitos acolheram acriticamente a mentalidade dominante, questionando os próprios fundamentos do *depositum fidei*, o qual infelizmente já não consideravam como próprio diante daquilo que tinham por verdade” (Homilia de 11.10.2012).

É muito comum ainda hoje a apresentar do Concílio Vaticano II como uma novidade com lacunas e sem continuidade com o período anterior. A intensa e decidida crítica à Igreja, com exceção do período Apostólico e Patrístico, transmite um conceito paupérimo da história da Igreja, faz nascer um sentimento de descrédito, desvalorização e indiferença para com a Igreja e sua tradição, como se ela fosse mera instituição humana ou como se o Espírito Santo tivesse tirado férias prolongadas desde o período da Patrística até o Concílio Vaticano II. Eclipsa-se a verdade de que quem conduz a Igreja é o Espírito Santo, e justamente, quando houve mais

infidelidade dentro das estruturas da Igreja, é que o Espírito Santo que “sopra onde quer” (cf. Jo 3,8) suscitou, surpreendentemente, pessoas de grande santidade que se tornaram lâmpadas acesas a iluminar a escuridão. Basta lembrar, por exemplo, o que vivia a Igreja no tempo em que o Espírito fez surgir Francisco de Assis. O próprio Concílio Vaticano II é a concretização dos movimentos que o Espírito gerou nas pessoas e nos acontecimentos ao longo deste período dito de escuridão da história da Igreja.

Quando, com tanta facilidade somos propensos a julgar e condenar as atitudes de pessoas e acontecimentos deste longo período entre a Patrística e o Concílio Vaticano II, havemos de nos perguntar: E o que fizemos com o dom do Concílio Vaticano II?

Após o Concílio, durante muito tempo, os termos “ala progressista” e “ala conservadora”, foram as expressões das divisões e intrigas entre o clero, entre religiosos e religiosas e boa parte de cristãos mais próximos a estes. Enquanto as duas alas excluía-se mutuamente e lutavam, cada uma, para fazer prevalecer a própria ideia, a pessoa de Jesus Cristo e o anúncio do Reino de Deus ficaram no escanteio. Deixou-se de captar o sopro do Espírito da “novidade na continuidade”. Privaram-se os fiéis do direito de fazer a experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo; de propiciar a eles a instrução na fé a fim de “comunicar Cristo a cada homem e a todos os homens”; de “fazer resplandecer a verdade e a beleza da fé no hoje do nosso tempo”; de dar a conhecer “o depósito sagrado da doutrina cristã de forma mais eficaz, sem sacrificá-lo frente às exigências do presente, nem mantê-lo preso ao passado” como queria o Concílio Vaticano II (cf. Bento XVI, Homilia, 11.10.2012). E estamos diante de uma “desertificação” espiritual, da ausência do primado do Absoluto, ou seja, da centralidade de Deus, onde o homem perdeu seu justo lugar, e não encontra a sua colocação na criação e nas relações com os outros (cf. Audiência, 14.11.2012).

Bento XVI, em um de seus últimos encontros, precisamente, no dia 14 de fevereiro de 2013, falando ao Clero de Roma, fez uma explanação emocionante sobre sua própria experiência vivida antes e durante o Concílio Vaticano II. Fazendo memória, trouxe presente, de

maneira muito viva, como os temas tratados no Concílio foram vindo à tona e qual era a reação dos Padres conciliares. Mas, no final do discurso, como que desvendando um enigma, disse:

Agora quero acrescentar ainda um terceiro ponto: havia o Concílio dos Padres – o verdadeiro Concílio – mas havia também o Concílio dos meios de comunicação, que era quase um Concílio a parte. E o mundo captou o Concílio através deles, através dos *mass-media*. Portanto o Concílio, que chegou de forma imediata e eficiente ao povo, foi o dos meios de comunicação, não o dos Padres. E enquanto o Concílio dos Padres se realizava no âmbito da fé, era um Concílio da fé que faz apelo ao *intellectus*, que procura compreender-se e procura entender os sinais de Deus naquele momento, que procura responder ao desafio de Deus naquele momento e encontrar, na Palavra de Deus, a palavra para o presente e o futuro, enquanto todo o Concílio – como disse – se movia no âmbito da fé, como *fides quaerens intellectum*, o Concílio dos jornalistas, naturalmente, não se realizou no âmbito da fé, mas dentro das categorias dos meios de comunicação atuais, isto é, fora da fé, com uma hermenêutica diferente. Era uma hermenêutica política: para os *mass-media*, o Concílio era uma luta política, uma luta de poder entre diversas correntes da Igreja (Colóquio, 14.02.2013)

Falando todo tempo espontaneamente, como numa conversa informal, sem nenhum tipo de anotação em mãos, Bento XVI, mostrou a devastação que o Concílio virtual produziu dificultando a concretização do verdadeiro Concílio. Usando termos como “calamidade”, “problema”, “miséria”, elencou situações equivocadas, entre elas os “seminários fechados, os conventos fechados, a liturgia banalizada” e mais ainda, interpretação equivocada, fora da própria chave do Concílio - que é a chave da fé - dos principais temas da renovação conciliar. Referindo-se à Igreja Povo de Deus, houve uma corrente que a entendeu como uma luta de poderes:

Havia aqueles que pretendiam a descentralização da Igreja, o poder para os Bispos e depois, valendo-se da expressão «Povo de Deus», o poder do povo, dos leigos. Existia esta tripla questão: o poder do Papa, em seguida transferido para o poder dos bispos e para o poder de todos, a soberania popular. Para eles, naturalmente, esta era a parte que devia ser aprovada, promulgada, apoiada (Colóquio, 14.02.2013).

Ainda hoje se coloca grande ênfase na crítica à estrutura eclesial e se gasta muito tempo na tentativa de sua renovação, bem como nos planejamentos e projetos. Convém lembrar que “as boas estruturas ajudam, mas por si só não bastam” (SS, 25). Elas “só funcionam se numa comunidade subsistem convicções que sejam capazes de motivar os homens para uma livre adesão ao ordenamento comunitário (SS, 26). Tal convicção não existe por si mesma, não é resultado de uma “decisão ética ou uma grande ideia”, mas da conversão que se dá no

“encontro com um acontecimento, com uma Pessoa – Jesus Cristo - que dá à vida um novo horizonte e dessa forma o rumo decisivo (DCE, 1).

Na Liturgia, houve uma tendência de despi-la de sua dimensão de fé relegando-a apenas para a dimensão humana:

Não interessava a liturgia como ato da fé, mas como algo onde se fazem coisas compreensíveis, algo de atividade da comunidade, algo profano. E sabemos que havia uma tendência – invocava mesmo um fundamento na história – para se dizer: A sacralidade é uma coisa pagã, eventualmente do próprio Antigo Testamento. No Novo, conta apenas que Cristo morreu *fora*: fora das portas, isto é, no mundo profano. Portanto há que acabar com a sacralidade, o próprio culto deve ser profano: o culto não é culto, mas um ato do todo, da participação comum, e deste modo a participação vista como atividade (Colóquio, 14.02.2013).

Entende-se o porquê da firmeza com que o ainda Cardeal Ratzinger, como Prefeito da Sagrada Congregação para a doutrina da fé, procurou salvaguardar o *depositum fidei*, mesmo sabendo não ser compreendido e até criticado. Em uma intervenção sobre a Nova Evangelização, no encontro de catequistas e professores de ensino religioso em Roma, acenando, entre outros, o tema da liturgia, disse:

A especificidade da liturgia consiste no fato que o seu sujeito primário não somos nós, mas o próprio Deus; a liturgia é *actio divina*, Deus age e nós respondemos à ação divina. A liturgia não é invenção do sacerdote celebrante ou de um grupo de especialistas; a liturgia (o "rito") cresceu num processo orgânico ao longo dos séculos, leva em si o fruto da experiência de fé de todas as gerações. Mesmo se os participantes talvez não entendam todas as palavras, compreendem o significado profundo, a presença do mistério, que transcende todas as palavras. O celebrante não é o centro da ação litúrgica; o celebrante não está em frente do povo em seu nome, não fala se si nem para si, mas "in persona Christi". Não contam as capacidades pessoais do celebrante, mas unicamente a sua fé, na qual se Cristo se torna transparente. "Ele deve crescer e eu diminuir" (Jo 3, 30) (Roma, ano 2000).

No que se refere à questão da Escritura, também, segundo o “Concílio dos Meios de Comunicação Social”, se pretendia concebê-la apenas como “um livro, um livro histórico, que deve ser tratado historicamente e nada mais, etc” (Colóqui, 14.02.2013).

A Exortação *Verbum Domini* mostrando os prejuízos que os reducionismos hermenêuticos provocam, passando de um extremo ao outro, ou seja, exclusivizando o histórico, ou o espiritual, golpeando tenazmente a vida espiritual, a ação pastoral, as homilias e a formação teológica, afirma com penetração:

A assunção de tal hermenêutica no âmbito dos estudos teológicos introduz, inevitavelmente, um gravoso dualismo entre a exegese, que se situa unicamente no primeiro nível, e a teologia que leva a uma espiritualização do sentido das Escrituras não respeitadora do carácter histórico da revelação. Tudo isto não pode deixar de resultar negativo também para a vida espiritual e a atividade pastoral; «a consequência da ausência do segundo nível metodológico é que se criou um fosso profundo entre exegese científica e *lectio divina*. E precisamente daqui nasce às vezes uma forma de perplexidade na própria preparação das homilias». Além disso, há que assinalar que tal dualismo produz às vezes incerteza e pouca solidez no caminho de formação intelectual mesmo de alguns candidatos aos ministérios eclesiais. Enfim, «onde a exegese não é teologia, a Escritura não pode ser a alma da teologia e, vice-versa, onde a teologia não é essencialmente interpretação da Escritura na Igreja, esta teologia já não tem fundamento»(VD, 35).

E aponta para a necessidade de “voltar decididamente a considerar com mais atenção as indicações dadas pela Constituição dogmática *Dei Verbum* a este propósito” (VD, 35).

Ao concluir sua fala a milhares de sacerdotes e seminaristas, Bento XVI fez notar duas grandes evidências de alegria e esperança, presentes na Igreja. A primeira é que “a força do Concílio real, estava presente” sempre. A segunda, é que o verdadeiro Concílio, “pouco a pouco, vai-se realizando cada vez mais e torna-se a verdadeira força que constitui também a verdadeira reforma, a verdadeira renovação da Igreja”. Enquanto “o Concílio virtual se desfaz em pedaços e desaparece, se afirma o verdadeiro Concílio com toda a sua força espiritual” (Colóquio, 14.02.2013).

Neste contexto de esperança, a proposta da Nova Evangelização e mais concretamente ainda, do Ano da Fé, convoca a Vida Religiosa para uma renovada conversão à escuta do que o Espírito “diz à Igreja” (cf. Ap 2,29). Com sua renúncia para, retirado dedicar-se mais à oração, Bento XVI indica o caminho à Fonte da Luz, à Água viva, com a qual precisamos sempre nos conectar.

O motor da nova evangelização é reavivar em toda a Igreja o desejo ardente de anunciar novamente Cristo ao homem contemporâneo. E para que não se fique só na teoria e não haja equívocos, Bento XVI pede que nos apoiemos sobre os documentos do Concílio Vaticano II, nos quais este impulso encontrou a sua expressão.

Olhando a realidade da vida eclesial e mais precisamente da Vida religiosa, inevitavelmente surge a pergunta: Será que, de fato, conhecemos o verdadeiro Concílio Vaticano II? E, depois de ter tomado conhecimento do discurso de Bento XVI ao clero de Roma acima citado, surge uma segunda pergunta: Será que não continuamos agindo com a concepção do tal “concílio virtual”, isto é, fora do espírito de fé, com a visão de uma luta de poder entre diversas correntes da Igreja?

João XXIII fez um gesto grandioso e não repetível, confiando a um Concílio universal a missão de compreender de modo novo a Palavra da fé. Acima de tudo, o Concílio retomou e assumiu a grande tarefa de definir de maneira nova tanto a missão quanto a a relação da fé com este tempo, com seus valores. Contudo, transformar em vida o que foi dito, permanecendo aí na profunda continuidade da fé, é um processo muito mais difícil do que o próprio Concílio; sobretudo levando em consideração o fato de que o Concílio foi recebido pelo mundo através da interpretação dos meios de comunicação, e não mediante seus textos, que quase ninguém lê (Luz do Mundo, pg. 88).

Voltar “à letra” do Concílio, isto é, aos textos do Concílio para encontrar o seu verdadeiro espírito, é o que Bento XVI propõe com urgência para uma evangelização verdadeiramente nova e genuína, haja visto que “a referência aos documentos protege dos extremos tanto de nostalgias anacrônicas como de avanços excessivos, permitindo captar a novidade na continuidade” (Audiência Geral, 14.11.2012).

PEDAGOGIAS DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Qual é a paróquia ou comunidade em que os agentes de evangelização não se deparam com o abandono da Igreja por parte dos fiéis? Exemplo típico disso são os adolescentes e jovens crismandos. Mas não só. Até pessoas engajadas distanciam-se da Igreja. Muitas deixam por completo de participar não só das atividades, mas da própria vida sacramental. O mesmo acontece com muitos jovens – moços e moças – que entram fervorosamente para as Congregações religiosas e, depois de um tempo, abandonam tudo, até a frequência normal à vida da Igreja na comunidade onde vivem. Isto sem falar dos religiosos com votos temporários ou perpétuos que retornam à vida leiga como se nada tivesse acontecido. É, talvez, porque, de fato, não aconteceu o que deveria ter acontecido: o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo.

A questão principal não reside, porém, em realidade, como as acima descritas, e sim no fato de que, não só nos planos e programações pastorais, mas, sobretudo na mentalidade

pastoral da Igreja atual e dos agentes de pastoral, não existe, nem mesmo a consciência da necessidade de um plano de pastoral para acompanhar estas pessoas em seu caminho de fé para além das estruturas paroquiais. Prevalece a mentalidade de que são nossas atividades e ações que vão converter as pessoas. Esquece-se, não raramente, que o sujeito principal da evangelização do mundo é Deus através de Jesus Cristo, pela ação do Espírito Santo e que a Igreja é instrumento à serviço da Evangelização (cf. Homilia, 11.10.2012).

Os planos e atividades pastorais são pensados, em geral, para quem está dentro das estruturas paroquiais e no máximo para trazer de volta quem abandonou tal ambiente ou ainda nunca se achegou a ele. Não se tem, sequer a consciência da necessidade de uma pastoral para além das estruturas, que acompanhe aqueles cujo caminho pessoal de fé passa pelos desertos, longe da realidade das paróquias. Por outro lado, não se tem consciência também que nem todos que estão diretamente ligados às estruturas paroquiais, estejam ali porque já fizeram o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, ou seja, a experiência de conversão. Número significativo dos que estão ligados à estrutura paroquial, têm motivações diversas, não, porém, aquela que o fez cristão, isto é, o encontro com Jesus Cristo. Tais pessoas necessitam de acompanhamento especial na fé. E mesmo os que já passaram por um profundo processo de conversão, de encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, precisam alimentar sua fé com contínuas experiências de Deus, o que exige tempos de qualidade, como também aprofundamento contínuo dos conhecimentos do núcleo central da própria fé católica, do *credo*, da Sagrada Escritura. De fato:

o conhecimento de Deus é experiência de fé e implica, ao mesmo tempo, um caminho intelectual e moral: tocados profundamente pela presença do Espírito de Jesus em nós, ultrapassamos os horizontes dos nossos egoísmos e abrimo-nos aos verdadeiros valores da existência (Audiência Geral, 21.11.2012).

O documento de Aparecida chama atenção das paróquias que reduzem sua missão à “pastoral de mera conservação” (cf. nº 370), o que significa a execução de uma programação de atividades desconectada da verdadeira fonte de Água Viva, que se renova a cada dia, que é o Mistério de Cristo.

1. A fé e a evangelização são um caminho

Logo no início da Carta Apostólica *Porta Fidei*, Bento XVI diz que desde o início de seu pontificado procurou lembrar a necessidade de redescobrir o caminho da fé e que a Igreja no seu conjunto – e os pastores nela - devem pôr-se à caminho para conduzir os homens do

deserto para lugares de vida, ao encontro de Jesus Cristo (cf. PF, 2). Três elementos destas poucas linhas chamam atenção. Primeiro, que a fé é um caminho. Segundo, que a Igreja, cuja razão de ser é a evangelização, tem que pôr-se à caminho para conduzir os homens do deserto para lugares de vida, de amizade com o Filho de Deus. Terceiro, que o caminho é do deserto para os lugares de vida.

Dizer que fé e evangelização são um caminho, significa falar de duas realidades. Uma é o fato de que cada pessoa precisa percorrer seu próprio e desconhecido caminho interior para chegar à fé, ao encontro com Jesus Cristo. Outra, é que a Igreja – e nela os agentes da evangelização - devem pôr-se à caminho, acompanhando cada pessoa no seu caminho pessoal, até que chegue ao momento da graça: o encontro com a pessoa de Jesus Cristo.

O caminho de cada pessoa é único, é diversificado e entremeado de vais-e-vens. Uma pessoa pode começar seu caminho de fé fora das estruturas da Igreja e ser conduzido para dentro dela, como também pode começar dentro e levar para fora da Igreja. O homem sedento de Deus perambula por caminhos diversos, testando o que pode saciá-lo. Descobre o que não o satisfaz, mas nem sempre consegue definir o que o faria experimentar aquela felicidade de que seu coração sente saudade (cf. SS 22). E até quando não a encontra, a Igreja, como pedagoga da fé, tem por missão acompanhá-lo neste peregrinar, muitas vezes pelo deserto e por caminhos sinuosos ou tortuosos. Neste sentido, Bento XVI exorta:

Nesta peregrinação, sintamo-nos irmãos de todos os homens, companheiros de viagem também de quantos não creem, de quem está à procura, de quem se deixa interrogar com sinceridade pelo dinamismo do próprio desejo de verdade e de bem. Rezemos, para que Deus mostre o seu rosto a quantos o procuram com coração sincero (Audiência, 07.11.2012)

A título de ilustração trago presente alguns traços do caminho de fé de Charles de Foucauld (1858-1916). Na infância recebeu formação cristã fez uma sentida Primeira Comunhão. Mas na adolescência distanciou-se da fé. Chegou a ser conhecido como amante do prazer e da vida fácil. Na juventude, numa viagem ao Marrocos (1883-1884), o testemunho da fé dos muçulmanos levantou-lhe um questionamento interior: "Mas Deus, existe?" "Meu Deus, se existis, fazei que vos conheça". No retorno, o acolhimento carinhoso de sua família profundamente cristã, somou estímulos para que iniciasse um processo de estudo e direção

espiritual com um sacerdote, chegando ao encontro com Deus em outubro de 1886. Tinha 28 anos. Disse ele: "Quando acreditei que existia um Deus, compreendi que não podia fazer outra coisa senão viver somente para Ele". Identificou-se profundamente com o Mestre Jesus, assumindo seu estilo de vida. Hoje a "família espiritual de Carlos de Foucauld" inclui diversas associações de fiéis, comunidades religiosas e institutos seculares de leigos ou sacerdotes dispersos no mundo inteiro (cf. Serviço de Liturgia dos Santos. www.vatican.va)

Somente pessoas que percorreram o caminho de fé e chegaram ao encontro com Jesus Cristo estariam capacitadas para serem agentes de evangelização.

O Núcleo central da evangelização, que foi o ponto de partida, e que perpassa, como um fio de ouro, todos os documentos e discursos de Bento XVI e, por sua vez, tornou-se a característica principal do Documento da Conferência de Aparecida e a grande novidade em relação às Conferências Latino-Americanas anteriores, a saber Medelín, Puebla e Santo Domingo, é o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, pois, "ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo" (DCE, 01).

No entanto, sendo a fé dom e iniciativa de Deus e resposta profundamente livre e humana por parte do homem (cf. Audiência, 24.10.2012) que se dá pela graça de Deus e os auxílios interiores do Espírito Santo (CaIC, 154), ninguém pode prever ou programar o dia, a hora, a situação, o lugar em que se dá o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo. Ele pode acontecer dentro ou fora das estruturas da Igreja; num retiro ou numa situação onde não há nada correlacionado com a igreja e até num contexto em que se ignora a presença de Deus, pois, "sem dúvida, o mistério de Deus permanece sempre além dos nossos conceitos e da nossa razão, dos nossos ritos e das nossas preces (...). E é o próprio Deus quem se auto comunica, se descreve, se torna acessível. E nós tornamo-nos capazes de ouvir a sua Palavra e de receber a sua verdade" (Audiência, 17.11.2012).

A capacitação para ouvir e acolher Deus é resultado da ação do próprio Deus que, "na sua vontade de se manifestar, de entrar em contato conosco, de se fazer presente na nossa história, torna-nos capazes de o ouvir e acolher" (Audiência, 17.11.2012). Mas é também resultado de uma experiência de vais-e-vens do ser humano, que tateia por diversas experiências em busca de saciar sua sede de infinito. Na verdade o homem experimenta o

desejo de infinito e experimenta também o que não o satisfaz, mas nem sempre consegue definir o que o faria experimentar aquela felicidade de que seu coração tem nostalgia (cf. Sl 63,1).

De certo modo, desejamos a própria vida, a vida verdadeira, que depois não seja tocada sequer pela morte; mas, ao mesmo tempo, não conhecemos aquilo para que nos sentimos impelidos. Não podemos deixar de tender para isto e, no entanto, sabemos que tudo quanto podemos experimentar ou realizar não é aquilo por que anelamos. Esta « coisa » desconhecida é a verdadeira « esperança » que nos impele e o facto de nos ser desconhecida é, ao mesmo tempo, a causa de todas as ansiedades como também de todos os ímpetos positivos ou destruidores para o mundo autêntico e o homem verdadeiro. A palavra « vida eterna » procura dar um nome a esta desconhecida realidade conhecida (SS 12).

Sendo o desejo humano, prevalentemente, atraído por bens concretos, diante da grande oferta de bens que a sociedade moderna desenvolveu pelos avanços da ciência e da técnica, da conquista da autonomia pessoal, tornou-se comum o homem desejar tudo, menos o lado espiritual. Tendo entrado na espiral do secularismo, as sociedades sentem um vazio, sentem insatisfação, falta a verdadeira alegria e um sentido verdadeiro para a vida. Por mais que os homens se deleitem em toda espécie de prazer e poder, que desfrutem do bem estar do nível econômico mais alto possível, que tenham à sua disposição todas as condições para uma vida digna: saúde, educação, alimentação, moradia, condições de trabalho, etc, continuam, muitas vezes sem se aperceberem, a se perguntar: O que pode de fato satisfazer o desejo humano, o que pode verdadeiramente conduzir à verdadeira alegria?

A Nova Evangelização, que é destinada principalmente aos contextos da cultura secularizada, tem à sua frente um grande desafio a ser enfrentado, pois, para grande parte da sociedade, Deus não é o esperado, o desejado. Deus é uma realidade que passa despercebida. Os excessos do consumo anestesiaram o desejo de Deus. Criou-se um fosso, “o fosso do encerramento dentro dos prazeres materiais; o fosso do esquecimento do outro, da incapacidade de amar” (SS 44). O próprio Jesus advertiu sobre tão grande perigo: “Cuidado para que vossos corações não fiquem pesados pela devassidão, pela embriaguez, pelas preocupações da vida, e não se abata repentinamente sobre vós aquele Dia” (Lc 21,34).

É incrível como a cultura do consumismo, com muita esperteza, explora e manipula a dimensão dos desejos do ser humano, para estimulá-lo à acumulação de riqueza, a fim de

consumir cada vez mais. Em muitas sociedades o consumo tornou-se, praticamente, o único critério em torno do qual a vida se organiza e se desenvolve, o núcleo central e a norma de vida do cotidiano.

No entanto, na evangelização, nem sempre se desfruta dos dinamismos que estão naturalmente presentes no coração da pessoa. Não somos conscientes da pedagogia inscrita no ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, criado por e para Deus. Jesus mesmo mostrou que “os filhos das trevas são mais espertos do que os filhos da luz” (Lc 16, 8b).

2. Pedagogia do desejo

Bento XVI, em uma das primeiras catequeses do Ano da Fé⁹, sublinhou a questão do desejo de Deus inscrito no coração de cada ser humano e sugeriu depreender dele uma pedagogia para a evangelização: a pedagogia do desejo.

O homem é um ser de desejos, vive em contínua busca para saciá-los e nunca se contenta com o quanto foi alcançado. O desejo constitui um dinamismo interno que move o homem a sair de si em direção a determinado bem. Como apaixonado por Santo Agostinho que é, Bento XVI afirma: “Com agudo conhecimento da realidade humana, Santo Agostinho pôs em evidência como o homem se move espontaneamente, e não constrangido, quando encontra algo que o atrai e nele suscita desejo” (SCa, 2).

Nem sempre, porém, o homem se dá por conta o que é este desejo que atravessa seu coração, permanece aninhado nele e nunca se sacia por completo. “De fato, todo o homem traz dentro de si o desejo incompressível da verdade última e definitiva” (SaC 2). E “cada desejo que se apresenta ao coração humano faz-se eco de um desejo fundamental que nunca é plenamente satisfeito” (Audiência Geral, 07.11.2012).

Sobre este desejo fundamental é que, de modo impressionante, inicia-se o *Catecismo da Igreja Católica*, tão recomendado por Bento XVI para conhecer o núcleo central da fé:

⁹ Audiência Geral, 07.11.2012.

O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar (n. 27).

Desejar Deus é dimensão não só constitutiva, mas central do ser humano. A inscrição de Deus está no coração, isto é, no centro do ser humano, na sua essência, na sua intimidade. Entre o ser humano e Deus há um imã, uma atração, que acompanha o homem para sempre, eternamente. Até mesmo quando, em sua liberdade, cria um abismo intransponível entre ele e Deus, (cf. Lc 16,19-31), experimenta a terrível realidade de seu anelo “que se transforma numa sede ardente e já irremediável” (SS, 44). Pois Deus não cessa de atraí-Lo e o homem não cessa de desejá-Lo. A grande verdade é que:

Quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. Ef 2,12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as decepções, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora « até ao fim », « até à plena consumação » (cf. Jo 13,1 e 19,30) (SS, 27).

A fim de despertar o ser humano do sono da insensibilidade em relação ao desejo de Deus e abrir um caminho para uma experiência de encontro com Cristo, o Papa Bento XVI propõe a promoção de uma pedagogia que empregue o dinamismo do desejo, utilizando-o tanto na evangelização da missão *ad gentes*, como para os que já receberam o anúncio do evangelho:

Por conseguinte devemos considerar que seja possível também na nossa época, aparentemente tão insensível à dimensão transcendente, abrir um caminho rumo ao autêntico sentido religioso da vida, que mostra como o dom da fé não é absurdo, não é irracional. Seria de grande utilidade, para este fim, promover uma espécie de pedagogia do desejo, quer para o caminho de quem ainda não crê, quer para quem já recebeu o dom da fé (Audiência Geral, 07.11.2012).

Segundo Bento XVI, a pedagogia do desejo consiste em aprender ou voltar a aprender, o gosto pelas alegrias autênticas da vida, ou seja, as que são duradouras e permanecem. Para isto faz-se necessário empreender a tarefa de prestar atenção aos desejos, às satisfações e aos efeitos que as satisfações produzem:

Nem todas as satisfações produzem em nós o mesmo efeito: algumas deixam uma marca positiva, são capazes de pacificar o ânimo, tornam-nos mais ativos e generosos. Outras, ao contrário, depois da luz inicial, parecem desiludir as expectativas que tinham suscitado e por vezes deixam atrás de si amargura, insatisfação ou um sentido de vazio (Audiência Geral, 07.11.2012).

Tal tarefa faz parte do itinerário de amadurecimento da fé, pois “o caminho para tal meta não consiste em deixar-se simplesmente subjugar pelo instinto. São necessários purificações e amadurecimentos que passam também pela estrada da renúncia” (DCE 5).

Todos temos necessidade de percorrer um caminho de purificação e de cura do desejo. Somos peregrinos rumo à pátria celeste, rumo àquele bem pleno, eterno, que nada jamais nos poderá extirpar (Audiência Geral, 07.11.2012).

O desejo de Deus precisa ser correspondido, alimentado, protegido para não ser sufocado pelos desejos naturais e humanos, os quais não são maus, mas também não são fins em si. São, antes, dons de Deus colocados como meios para chegar ao desejo fundamental.

Para não se deixar seduzir pelo que é aparentemente atraente, mas depois revela-se insípido, por aquilo que é fonte de inebriamento, mas depois tolhe a liberdade, e para fazer sobressair o desejo de Deus, Bento XVI afirma que é preciso “exercer o gosto interior pelas verdadeiras alegrias e produzir anticorpos eficazes contra a banalização e o nivelamento hoje difundidos” (Audiência Geral, 07.11.2012). Isto acontece num processo de educação que se dá

“desde a tenra idade em todos os âmbitos da existência — a família, a amizade, a solidariedade com quem sofre, a renúncia ao próprio eu para servir o próximo, o amor ao conhecimento, à arte, às belezas da natureza (...) mas, também os adultos precisam redescobrir estas alegrias, desejar realidades autênticas, purificando-se da mediocridade na qual podem encontrar-se envolvidos (Audiência Geral, 07.11.2012).

Na Encíclica *Deus caritas est*, Bento XVI mostra como este caminho pedagógico acontece na experiência do amor humano através do dinamismo do *eros* direcionado ao verdadeiro amor, o *ágape*. Isso “não é rejeição do *eros*, não é o seu « envenenamento », mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza” (5). Na dimensão humana “quando alguém experimenta na sua vida um grande amor, conhece um momento de « redenção » que dá um sentido novo à sua vida” (SS 26). Porém, progressivamente, a pessoa vai tomando consciência deste mistério que nem sequer a pessoa amada, na verdade, é capaz de satisfazer plenamente

o desejo que habita seu coração. Interroga-se sobre a origem deste amor e chega à conclusão que há um amor eterno que dá sentido também ao amor humano:

Mas, rapidamente se dará conta também de que o amor que lhe foi dado não resolve, por si só, o problema da sua vida. É um amor que permanece frágil. Pode ser destruído pela morte. O ser humano necessita do amor incondicionado. Precisa daquela certeza que o faz exclamar: « Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor » (Rom 8,38-39) (SS 26).

E quanto mais autêntico é o amor pelo outro, mais interrogações aparecem sobre a origem e duração deste amor conduzindo ao seu verdadeiro e último fim que é a descoberta do amor eterno de Deus:

Sim, o amor é « êxtase »; êxtase, não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus (DCE 6).

A pedagogia do desejo conduz a pessoa nas diversas etapas da vida para chegar a percepção que só algo infinito lhe pode bastar. Este caminho pedagógico se desenvolve entre duas variantes: a idade cronológica e a purificação dos desejos.

Referente à idade cronológica, “o homem, na sucessão dos dias, tem muitas esperanças – menores ou maiores – distintas nos diversos períodos da sua vida” (SS 30).

Na juventude, as utopias despontam com muita força numa variedade de desejos “menores”, que se misturam, ofuscando o desejo “maior” e, “às vezes pode parecer que uma destas esperanças o satisfaça totalmente, sem ter necessidade de outras” (SS, 30). Na juventude, pode ser a esperança do grande e fagueiro amor; a esperança de certa posição na profissão, deste ou daquele sucesso determinante para o resto da vida. (SS 30). Mas também, com igual força se manifesta “o desejo insuprimível da verdade última e definitiva” (SCa 2) a qual só Deus pode satisfazer:

Na idade da juventude, surgem de modo irreprimível e sincero as questões sobre o sentido da própria vida e sobre a direção que se deve dar à própria existência. A estas questões só Deus sabe dar verdadeira resposta (VD,104).

Na segunda variante, a purificação dos desejos acontece provando os objetos de satisfação dos desejos menores e, “quando estas esperanças se realizam, resulta com clareza que na realidade, isso não era a totalidade” (SS 30) e, por experiência própria e não apenas por ouvir falar “torna-se evidente que o homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar” (SS, 30).

Para Bento XVI “o sonho originário do homem” é a “experiência mística” e, por sua vez, a experiência mística é a “essência da fé bíblica”. Afirma que o livro do *Cântico dos Cânticos*, o qual desde cedo, tanto na literatura cristã como na judaica, descreviam a “relação de Deus com o homem e do homem com Deus”, permite conhecer as etapas de como se exprime a “unificação do homem com Deus”.

Concretamente, como se deve configurar este caminho de ascese e purificação? Como deve ser vivido o amor, para que se realize plenamente a sua promessa humana e divina? Uma primeira indicação importante podemos encontrá-la no *Cântico dos Cânticos*, um dos livros do Antigo Testamento bem conhecido dos místicos (DCE, 6).

Antes, porém, o Papa lembra que Deus e o homem não se confundem no anonimato, mas entram numa comunhão que “é unidade que cria amor, na qual ambos, Deus e o homem, permanecem eles mesmos, mas tornando-se plenamente uma coisa só” (DCE 10).

Em síntese, as etapas da pedagogia que introduzem o ser humano na sua relação mística com Deus, apreendidas por Bento XVI do *Cântico dos Cânticos*, são: Primeira, a procura indeterminada de um amor ainda inseguro. Nela predomina busca de si próprio, o desejo de imersão no inebriamento da própria felicidade.

Na segunda etapa o amor torna-se descoberta do outro. O centro torna-se, não mais a busca da própria felicidade, mas “cuidado do outro e pelo outro”, busca do bem amado, renúncia de si mesmo, disposição ao sacrifício e até procura do sacrifício como expressão do amor.

Na terceira etapa vem a procura do definitivo, do eterno, do “para sempre” e da exclusividade – “apenas esta única pessoa”. É a busca e o encontro de Deus que se dá numa saída permanente do eu fechado em si mesmo, para a união com Ele (DCE, 6):

Quando no desejo se abre a janela em direção a Deus, isto já é sinal da presença da fé no ânimo, fé que é uma graça de Deus sobre a qual Santo Agostinho afirmava: «Com a expectativa, Deus alarga o nosso desejo, com o desejo alarga o ânimo e dilatando-o torna-o mais capaz» (*Comentário à Primeira carta de João*, 4, 6; PL 35, 2009) (Audiência Geral, 07.11.2012).

2.1. Passagem obrigatória

O itinerário da pedagogia do desejo não pode ser “terceirizado” e nem ser a repetição do caminho de outra pessoa. É um caminho interior e, por ser única e irrepitível, cada pessoa precisa percorrer o seu “porque a situação das realidades humanas depende, em cada geração novamente, da livre decisão dos homens que dela fazem parte” (SS, 30). Cada pessoa é amada pessoalmente e de maneira única por Deus e tem direito de conhecer Deus e seu amor. Porém, por causa da liberdade pessoal, pode ser proposto, mas não imposto, pois “um mundo sem liberdade não é de forma alguma um mundo bom” (SS, 30). E, embora faça parte da grande consumação, onde “Deus será tudo em todos” (cf. 1 Cor 15,20-28), este itinerário é irrealizável em sociedade.

Bento XVI lembra como a Época moderna, com os progressos científicos e tecnológicos, desenvolveu a esperança de substituir o Reino de Deus pelo reino do homem com uma política cientificamente fundada. Apesar da sua grande mobilização e valor

(...) com o passar do tempo ficou claro que esta esperança escapa sempre para mais longe. Primeiro deram-se conta de que esta era talvez uma esperança para os homens de amanhã, mas não uma esperança para mim. E, embora o elemento « para todos » faça parte da grande esperança – com efeito, não posso ser feliz contra e sem os demais – o certo é que uma esperança que não me diga respeito a mim pessoalmente não é sequer uma verdadeira esperança (SS 30).

Não se pode ignorar que, na pedagogia do desejo, existe uma passagem obrigatória para se chegar ao encontro com Deus. Trata-se de uma experiência de frustração, de incapacidade de se dar a si mesmo uma resposta. Então:

Os homens reconhecem que, quando não há Deus, a existência adocece, e que o homem não pode viver assim; que tem necessidade de uma resposta que ele próprio não pode conceder-se. Neste sentido, este é um tempo de advento que oferece também muito de bom (Luz do Mundo, pg. 85); Vimos que o progresso aumentou nossas capacidades, mas não a nossa grandeza e potência moral e humana. Por meio dos grandes sofrimentos de nosso tempo, reconhecemos sempre mais a necessidade de reencontrar um equilíbrio interior, compreendemos que temos necessidade também de um crescimento espiritual. Também nos

diversos encontros com Chefes das nações, percebi uma forte consciência do fato de que sem a autoridade religiosa o mundo não pode funcionar (Luz do Mundo, pg. 169).

Até mesmo a experiência do pecado contém uma pedagogia educativa da vida espiritual. Ela possibilita o conhecimento não só da condição humana, mas da grande misericórdia divina e leva a descobrir o único endereço da autêntica alegria, aquela que verdadeiramente satisfaz o desejo fundamental do homem: Deus.

O dinamismo do desejo está sempre aberto à redenção. Também quando ele se adentra por caminhos desviados, quando persegue paraísos artificiais e parece perder a capacidade de ansiar pelo bem verdadeiro. Também no abismo do pecado não se apaga no homem aquela centelha que lhe permite reconhecer o verdadeiro bem, saboreá-lo, e assim iniciar um percurso de subida, no qual Deus, com o dom da sua graça, nunca deixa faltar a sua ajuda (Audiência Geral, 07.11.2012).

Grandes santos passaram pela experiência de serem grandes pecadores. E como não lembrar aqui o tão caro a Bento XVI, Santo Agostinho. Não por nada é autor da expressão que entrou para o cântico da mais solene liturgia da Igreja, o *Exultet*: “Ó feliz culpa que mereceu tal e tão grande Redentor” (citado em CalC nº 412).

Antes da sua conversão, Santo Agostinho procura a verdade com grande inquietação, através de todas as filosofias disponíveis, julgando-as todas insatisfatórias. A cansativa busca racional é para ele uma pedagogia significativa para o encontro com a Verdade de Cristo (Audiência Geral, 21.12.2012).

O Catecismo da Igreja Católica, cita o comentário de São Tomás de Aquino, sobre o *Exultet*, no qual afirma que Deus dá a liberdade para o homem experimentar os males como meio para chegar a um bem maior:

Nada se opõe a que a natureza humana tenha sido destinada a um fim mais alto depois do pecado. Efetivamente, Deus permite que os males aconteçam para deles tirar um bem maior. Daí a palavra de São Paulo: "onde abundou o pecado, superabundou a graça. (Rm 5, 20). Por isso, na bênção do círio pascal canta-se: "Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor!" (*Summa theologiae*. 3, q. 1, a. 3, ad 3: Ed. Leon. 11, 14, citação: CalC 412).

3. Meios de aprendizagem e purificação do desejo fundamental

Conforme descrição acima, a experiência de “uma certa amostra do vértice da existência, daquela beatitude para que tende todo o nosso ser” (DCE,4), não se dá por si mesma. É graça de Deus e abertura do homem o qual necessita de disciplina e de purificação

para ampliar o coração. Vimos também que esta purificação dos desejos acontece num caminho com etapas subsidiadas pelos movimentos da idade cronológica e das satisfações experimentadas sempre que procurou saciar seus anseios menores.

Nos ensinamentos de Bento XVI, depreendem-se também os meios de aprendizagem e purificação dos desejos a fim de eleger o desejo fundamental, o desejo de Deus. Os principais meios são a oração, o trabalho, o sofrimento e o juízo (cf. SS, 32-48).

3.1. A oração

A oração é “o primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança” (SS, 32). A oração amplia o coração do homem que por natureza é estreito para acolher o grande dom de Deus. A longanimidade de Deus aumenta o desejo do homem dando condições e tempo para a dilatação do coração. Referindo-se a uma homilia de Santo Agostinho sobre a Primeira Carta de São João, Bento XVI afirma:

A oração é como um exercício do desejo. O homem foi criado para uma realidade grande, ou seja, para o próprio Deus, para ser preenchido por Ele. Mas, o seu coração é demasiado estreito para a grande realidade que lhe está destinada. Tem de ser dilatado. Assim procede Deus: diferindo a sua promessa, faz aumentar o desejo; e com o desejo, dilata a alma, tornando-a mais apta a receber os seus dons ». Aqui Agostinho pensa em S. Paulo que, de si mesmo, afirma viver inclinado para as coisas que hão de vir (Fil 3,13) (SS, 33).

E, ainda mais, o Papa traz a imagem que Santo Agostinho usou para descrever este processo de dilatação do coração para Deus:

Supõe que Deus queira encher-te de mel (símbolo da ternura de Deus e da sua bondade). Se tu, porém, estás cheio de vinagre, onde vais pôr o mel? O vaso, ou seja o coração, deve primeiro ser dilatado e depois limpo: livre do vinagre e do seu sabor. Isto requer trabalho, faz sofrer, mas só assim se realiza o ajustamento àquilo para que somos destinados (SS, 33).

A abertura do coração para os irmãos só se dá em consequência da abertura para Deus:

Apesar de Agostinho falar diretamente só da receptividade para Deus, resulta claro, no entanto, que o homem neste esforço, com que se livra do vinagre e do seu sabor amargo, não se torna livre só para Deus, mas abre-se também para os outros. De fato, só tornando-nos filhos de Deus é que podemos estar com o nosso Pai comum. Orar não significa sair da história e retirar-se para o canto privado da própria felicidade. O modo correto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus e, precisamente desta forma, aptos também para os homens (SS, 33).

3.2. O trabalho

Toda ação séria e reta do ser humano, pequena ou grande, no fundo é concretização de seu desejo mais profundo. Mas, em seu agir ele se depara com decepções, fracassos e percebe que sua vida não pode basear-se somente naquilo que é alcançável pelo seu próprio agir e pelas ações governamentais. Percebe que isto cansa ou leva-o ao fanatismo. Sua reação será buscar algo que vá para além do que é limitado e finito e que conserva o sentido mesmo quando aparentemente se fracassa, pois:

Só a grande esperança-certeza de que, não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a história no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância, só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de continuar (SS,31).

3.3. O sofrimento

O sofrimento faz parte da vida humana e, mesmo com tudo que se faz para diminuí-lo, jamais se conseguirá eliminá-lo totalmente. O sofrimento é manifestação fragilidade humana e da finitude da sua materialidade. Ele é como que uma escola que auxilia o homem a tomar consciência do seu desejo de eternidade, quando é testado no seu limite, o desejo de Deus ajuda-o a perceber que “não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor” (SS, 37).

3.4. O Juízo

A consciência da existência do Juízo, embora, ao longo da história, tenha sido apresentado com dimensão negativa, influenciou os cristãos, “como critério segundo o qual ordenar a vida presente, enquanto apelo à sua consciência e, ao mesmo tempo, enquanto esperança na justiça de Deus” (SS, 41) e no encontro face a face com Ele. Vivendo nesta perspectiva do encontro eminente com Deus, quantos santos tiveram uma vida frutuosa e tornaram-se canais do Amor Eterno saciando o desejo de Deus de tantos homens e mulheres ou indicando o caminho direto à Fonte. A consciência de um Deus que se importa com o ser

humano, que não lhe é indiferente, confere a vida humana e a cada atitude do cotidiano um dinamismo, pois nosso modo de viver não lhe é irrelevante.

CONCLUSÃO

Em que consiste a “Nova Evangelização” nos ensinamentos de Bento XVI? Qual é seu núcleo central, sua essência, seu conteúdo, assim como sua metodologia e seus apelos? Quais são suas interpelações e exigências práticas para a pastoral e a atuação dos consagrados e consagradas? Estes questionamentos foram a razão desta pesquisa que nessa conclusão condensamos.

Se tivesse que dar um título à conclusão deste trabalho seria: “há uma só resposta para todas as perguntas”. De fato, averiguando os documentos e pronunciamentos de Bento XVI, vê-se claramente que o fio de ouro que perpassa seus ensinamentos e que responde as diversas perguntas sobre a “Nova Evangelização”, é uma só: *Caritas*.

Caritas é a fonte, o princípio, o método, o conteúdo e a finalidade da “Nova Evangelização”. *Caritas* é o estilo de vida de quem anuncia o Evangelho e projeto de vida para quem o acolhe. *Caritas* é a interpelação vital da “Nova Evangelização” para a vida Consagrada. *Caritas* é o fim último da “Nova Evangelização”. *Caritas* é Deus porque *Deus Caritas est* (cf. 1 Jo 4, 8.16). Em suma, a caridade é tudo:

A caridade é amor recebido e dado; é « graça » (*cháris*). A sua nascente é o amor fontal do Pai pelo Filho no Espírito Santo. É amor que, pelo Filho, desce sobre nós. É amor criador, pelo qual existimos; amor redentor, pelo qual somos recriados. Amor revelado e vivido por Cristo (cf. Jo 13, 1), é « derramado em nossos corações pelo Espírito Santo » (Rm 5, 5). Destinatários do amor de Deus, os homens são constituídos sujeitos de caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da graça, para difundir a caridade de Deus e tecer redes de caridade (CV, 5).

Para Bento XVI, a “Nova Evangelização” é o reconhecimento de que todos têm necessidade do Evangelho. Todos têm o direito de receber o Evangelho. O Evangelho destina-se a todos e não apenas a um círculo determinado. Portanto, somos obrigados a procurar novos caminhos para levar o Evangelho a todos. A “Nova Evangelização” é o serviço da caridade que

deseja unicamente servir ao bem das pessoas e da humanidade, dando espaço Àquele que é a Vida, o *Deus Caritas*.

O desejo do coração do Papa é que cada um se sinta amado por aquele Deus que doou seu Filho por nós e que mostrou seu amor sem limites; que cada um sinta quanta alegria existe em crer de modo cristão e desejar realidades autênticas; que cada pessoa tenha o significado, a esperança, o fundamento seguro, um terreno sólido que ajude a viver com um sentido autêntico as crises, as obscuridades, as dificuldades e os problemas quotidianos. É isto que fé cristã propriamente oferece.

Possibilitar ao mundo e a cada pessoa o acesso a Deus e devolver a Deus o lugar que lhe cabe na vida do mundo e de cada pessoa, é o que indicam todas as setas dos ensinamentos de Bento XVI sobre a “Nova Evangelização”.

O Papa não poupa esforços para trazer à consciência moderna, a verdade de que, para o homem, o “unum necessarium” é Deus; de que as contas sobre o homem, sem Deus, não quadram, da mesma forma as contas sobre o mundo, sobre todo o universo, sem Ele, não quadram; de que quando não há Deus, a existência adoece. Tudo muda se Deus está ou não presente. “Sem Deus, o homem não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja” (CV,78).

A caridade que não leva em consideração todas as pessoas, não é verdadeira. A verdadeira caridade é aquela que quer alcançar todas e cada uma das pessoas, possibilitando o acesso à fonte da caridade que é Deus. Esta é a razão que levou Bento XVI a convocar toda a Igreja para a “Nova Evangelização” e criar um Conselho para sua promoção. Mas, sobretudo, pela “Nova Evangelização”, o Papa deseja que seja possibilitado o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, especialmente para aquela parte da humanidade que não tem acesso à evangelização “clássica” da Igreja. Mais ainda, que na evangelização permanente da Igreja, não encontra uma resposta convincente às perguntas vitais - como viver? como tornar-se homem-humano? como aprender a arte de viver? qual é o caminho da felicidade?

O encontro pessoal e comunitário com a Pessoa de Jesus Cristo dá à vida um novo horizonte e um rumo decisivo, superando o equívoco de que o cristianismo é uma ideia ou um

código de ética. E aos que perguntam: “Mas como possibilitar o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo?” - o Papa responde com as palavras de seu mestre, Santo Agostinho - “Se vês a caridade, vês a Trindade” (DCE,19). Na homilia da missa de início de seu pontificado disse:

Nós existimos para mostrar Deus aos homens. E só onde se vê Deus, é que começa verdadeiramente a vida. Só quando encontramos em Cristo o Deus vivo, é que nós conhecemos o que é a vida.(...) Não há nada mais belo do que ser-se apanhado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada mais belo do que conhece-lo e comunicar aos outros a amizade com Ele.

Evangelizar, portanto, é uma ação arraigada na caridade, pois, segundo Bento XVI, somente na caridade que emana de Deus encontra-se a “força propulsora principal” que dá “substância à relação pessoal com Deus e com o próximo” (cf.CV,1). Deus está no princípio e no fim de tudo aquilo que tem valor e redime: quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer o presente, quer o futuro. (CV, 78). A caridade é tudo porque “da caridade de Deus tudo provém, por ela tudo toma forma, para ela tudo tende” (CV, 2).

Não é por acaso, que a caridade é tema da primeira encíclica do pontificado de Bento XVI. Nela o Papa “torna novamente visível o cerne do ser cristão e, assim, igualmente a simplicidade do ser cristão” (*Luz do Mundo*, pg. 101). As Exortações Apóstólicas, *Sacramentum Caritatis* e *Verbum Domini* apontam para Sagrada Escritura e para a Eucaristia como alimento da caridade do cristão a fim de viver a comunhão plena com Deus no tempo rumo à comunhão definitiva, eterna, que constitui a esperança cristã, explicitada na encíclica *Spe Salvi*.

Para Bento XVI, a característica de autenticidade da caridade é a verdade. A verdade é para ele um tema muito caro. “Colaboradores da verdade” é o lema de seu episcopado e a síntese de sua missão, do seu jeito de ser e de viver. Caridade e verdade são tema da Encíclica sobre a doutrina social da Igreja, *Caritas in Veritate*. Mas ele não concebe a verdade como algo que podemos possuir, mas como Alguém que é e nos possui: Jesus Cristo.

A “Nova Evangelização”, segundo Bento XVI, não é, de modo algum, como julgam alguns, um “arrebanhamento”, uma intervenção com novos métodos mais requintados para atrair imediatamente as grandes multidões que se afastaram da Igreja. Não é conquista de terreno e domínio da Igreja católica. Não é busca de sucesso pastoral que procura apenas um

grande número de pessoas que nos escutem. Não é arte retórica ou prudência pastoral. Não é implementação de novas tecnologias para aumento de poder e extensão das instituições. Nem é tampouco defesa de ideologias, de linhas, de siglas. Não é reorganização das estruturas eclesiais ou dos ministérios eclesiais com ou sem hierarquia. Não visa uma Igreja que seja produto de nossos planejamentos, planos de pastorais, setorizações e criação de numerosas pastorais, pois não é pela motivação de uma ideologia e pelo ativismo das próprias forças que se “constrói” o Reino de Deus. Se assim fosse, se permaneceria apenas num reino do próprio homem, que não só não abre o acesso a Deus, mas reflete uma forma de “ateísmo religioso”. O Reino de Deus é um dom que interpela o homem a uma resposta que o faz cooperador.

A caridade tem necessidade, sim, de organização. É laboriosa, vê e prevê todas as possibilidades para servir com eficácia e eficiência. E, na missão da evangelização, todos os métodos razoáveis e moralmente aceitáveis devem ser estudados e utilizados. Mas a organização, as palavras e toda a arte da comunicação não podem conquistar a pessoa humana naquela profundidade à qual deve chegar o Evangelho. Nós não podemos ganhar os homens. Devemos obtê-los de Deus para Deus. Além do mais, o método, ou melhor, a pedagogia da evangelização, não é algo exterior à pessoa. Ela já está inscrita no coração de cada ser humano e se manifesta no desejo e na busca de Deus. O papel do agente de evangelização é despertar tal desejo e fazer-lhe companhia, mostrando, com seu jeito de viver e também explicitando com a Palavra, o caminho para o encontro com Deus.

A “Nova Evangelização” é abraçar a missão da Igreja que nasce do Espírito Santo pelo nós podemos entrar na atividade de Deus, na ação divina e colaborar com Ele. Basta recordar que os apóstolos depois da Ascensão não iniciaram – como talvez teria sido normal – a criar e organizar a Igreja futura. Esperaram a ação de Deus, através do Espírito Santo e deixaram se envolver no seu movimento.

Nas entrelinhas dos ensinamentos de Bento XVI vão se delineando algumas linhas obrigatórias que fazem com que a evangelização seja verdadeiramente nova, linhas que o Papa chama de “leis” da “Nova Evangelização”, denominando-as de lei da expropriação, lei do grão de trigo e lei do grão de mostarda.

A “Lei da expropriação” consiste não só em não pregar em seu próprio nome, buscando sucesso e fama para si mesmo – este é o distintivo do anticristo – mas em pregar a Palavra de Deus, escutada e absorvida numa intensa e constante vida de intimidade com Deus. Portanto, falar de Deus quer dizer reservar espaço Àquele que no-lo faz conhecer, que nos revela o seu rosto de amor. Quer dizer renunciar ao próprio eu, sem o quê amor gratuito de Deus, a caridade, não pode de modo algum existir, mesmo que tal renuncia seja dolorosa.

A “Lei do grão de trigo” mostra que só o grão que cai na terra e morre, produz muito fruto. Só quem doa a própria vida pode dar a vida a outros. Só quem perder a sua vida por causa de Cristo do Evangelho, se torna apto a colaborar na salvação (cf. *Mc 8,35*). O grão de trigo se desfaz para dar lugar à espiga. Para Bento XVI, abraçar a cruz de Cristo é fundamental, pois Jesus não redimiu o mundo com palavras bonitas, mas com o seu sofrimento e a sua morte. Sua paixão é a fonte inexaurível de vida para o mundo. A paixão dá força à sua palavra. A sua vida inteira foi um caminho rumo à cruz, ascensão rumo à Jerusalém.

A “Lei do grão de mostarda” mostra a estrutura do agir divino, uma estrutura paradoxal na qual o que é pequeno é grande, o que é grande, é pequeno. Basta ver como Aquele, que o universo inteiro não pode conter, adquire morada no ventre de uma Virgem. A “Nova Evangelização consiste em não contentar-se com o fato de que do grão de mostarda cresceu a grande árvore da Igreja universal. Não pensar que é suficiente que nos seus ramos muito diferentes as aves possam encontrar lugar (cf. *Mc 4, 26-29*), mas ousar de novo evangelizar, com a humildade do pequeno grão, deixando para Deus quando e como crescerá. É superar a tentação de se instalar na certeza da grande árvore que já existe ou na impaciência de possuir uma árvore maior, mais vital. É antes aceitar o mistério que a Igreja é ao mesmo tempo grande árvore e pequeníssimo grão. Aceitar que na história da salvação é sempre Sexta-Feira Santa e, ao mesmo tempo, Domingo de Páscoa.

O Cristianismo é sempre novo e atual. Mas sua “atualização” não significa reduzir a fé, submetendo-a à moda dos tempos, ao que é mais agradável, àquilo que satisfaz a opinião pública. Ao contrário, significa elevar o “hoje” do nosso tempo ao “hoje” de Deus. Somos nós

que temos que nos adequar à altura do Evangelho e não o Evangelho que tem que se abaixar à nossa mediocridade.

Os verdadeiros protagonistas da evangelização sempre foram e continuam sendo os santos. Eles são, em particular, também os pioneiros e os impulsionadores da “Nova Evangelização”. Atentos à criatividade que vem do Espírito Santo, eles mostram às pessoas, indiferentes ou mesmo hostis, a beleza do Evangelho e da comunhão em Cristo; e convidam os fiéis, por assim dizer, tíbios, a viverem a alegria da fé, da esperança e da caridade; a redescobrirem o “gosto” da Palavra de Deus e dos Sacramentos, especialmente do Pão da Vida, a Eucaristia. Neles, anúncio e vida entrelaçam-se. Com a vida mostram o realismo daquilo que dizem com palavras.

A santidade não conhece barreiras culturais, sociais, políticas ou religiosas. Sua linguagem - a do amor e da verdade - é entendida por todos e aproxima todos de Jesus Cristo, fonte inesgotável de vida nova

REFERÊNCIAS

Citações de Bento XVI e do Cardeal Ratzinger

BENTO XVI, **Deus Caritas Est**: Carta Encíclica Sobre o Amor Cristão. São Paulo. Paulinas 2006.

_____. **Sacramentum Caritatis**: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo. Paulinas 2007.

_____. **Spe Salvi**: Carta Encíclica Sobre a Esperança Cristã. São Paulo. Paulinas 2007.

_____. **Caritas in veritate**: Carta Encíclica Sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade. São Paulo. Paulinas 2009.

_____. **Verbum Domini**: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo. Paulinas 2010.

_____. **Porta fidei**: Carta Apostólica sob forma de "Motu Proprio" com a qual se proclama o Ano da Fé. São Paulo. Paulinas 2011.

_____. **Ecclesia in Medio Oriente**: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Igreja no Oriente Médio, comunhão e testemunho. São Paulo. Paulinas 2012.

_____. **Africae Munus**: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Igreja na África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz. São Paulo. Paulinas 2012.

_____. **Ubicumque et semper**: Carta Apostólica em forma de "Motu Proprio" com a qual se institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper_po.html - Acesso em: 23 jan. 2013

_____. **A Revolução de Deus**: Discursos para a XX Jornada Mundial da Juventude. São Paulo. Paulinas 2005.

_____. **Palavras do Papa Bento XVI no Brasil**. São Paulo. Paulinas 2007.

_____. **Luz do Mundo**: O Papa a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald. São Paulo. Paulinas 2011.

_____. **Os Padres da Igreja**: De Clemente de Roma a Santo Agostinho. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Pensamento, 2010.

_____. **Jesus de Nazaré**: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Trad. Bruno Bastos Lins. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2011.

_____. Audiência Geral: **São Justino, filósofo e mártir**. Roma, 21.03.2007. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070321_po.html. Acesso 28 agos 2013.

_____. Mensagem: **Aos sacerdotes e Religiosos**. Viena, 08.09. 2007. em:http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20070908_vespri-mariazell_po.html. Acesso 02 mai 2013.

_____. Homilia: **10º aniversário da beatificação de Jacinta e Francisco**. Fátima, 13.05.10. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2010/documents/hf_ben-xvi_hom_20100513_fatima_po.html. Acesso 28 agost 2013.

_____. Audiência Geral: **O homem em oração (2)**. Roma, 11.05.2011. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110511_po.html. Acesso em 27 abr 2013

_____. Audiência Geral: **O homem em oração (4)**. Roma, 25.05.2011. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110525_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____.Discurso: **Ao Comitê Central dos Católicos Alemães**. Freiburg, 24.09.2011.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110924_zdk-freiburg_po.html. Acesso 24 agos 2013.

_____.Homilia: **Abertura da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. Roma, 07.10. 2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo_po.html. Acesso 29 abr 2013.

_____.Homilia: **Conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. Roma, 28.10.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusionone-sinodo_po.html. Acesso 29 abr 2013.

_____.Homilia: **Abertura do ano da fé**. Roma,11.10.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121011_anno-fede_po.html. Acesso 27 de abr de 2013.

_____.Audiência Geral: **Início do Ciclo de Catequese para o Ano da Fé**. Roma, 17.10.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **O que é a fé?** Roma, 24.10.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121024_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **A fé da Igreja**. Roma, 31.10.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121031_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **O desejo de Deus**. Roma, 07.11.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121107_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus**. Roma, 14.11.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **O bom senso da fé em Deus**. Roma, 21.11.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121121_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **Como falar de Deus?** Roma 28.11.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **Deus revela o seu "desígnio de benevolência"**. Roma, 05.12. 2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121205_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **As etapas da Revelação**. Roma, 12.12.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121212_po.html. Acesso 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **Virgem Maria. Ícone da fé obediente**. Roma, 19.12.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121219_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. Audiência Geral: **Festa de Santo Estevão**. Roma, 26.12.2012.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20121226_st-stephen_po.html. Acesso em 27 abr 2013.

_____. **Encontro com o Clero de Roma**. 13 de fevereiro de 2013.
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130214_clero-roma_po.html. Acesso 19 agos 2013.

RATZINGER, Joseph. **A Nova Evangelização**: Intervenção durante o Congresso dos Catequistas e dos Professores de Religião. Roma, 10.12. 2000.
http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20001210_jubilcatechists-ratzinger_po.html. Acesso 14 agost 2013.

_____. **Via Sacra no Coliseu**: Meditações e Orações. São Paulo. Paulinas 2007.

Outros Autores

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. Trad. do original latino e intr. Augustino Belmonte; rev. e notas comp. Nair de Assis Oliveira. São Paulo. Paulus 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Ed. Revista e ampliada. 6ª impressão. São Paulo. Paulus 2010.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. 9ª ed. São Paulo: CNBB/Paulinas/ Paulus 2008.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. 13ª edição. Trad. Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1979.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Nota com indicações pastorais para o Ano da Fé**. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20120106_nota-anno-fede_po.html; Acesso em 13 fev.2013).

FOUCAULD, Charles. **Biografia**. http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20051113_de-foucauld_po.html. Acesso 23 agos 2013.

FRANCISCO, Papa. **Lumen Fidei**. São Paulo. Paulinas 2013.

JOÃO PAULO II. **Homilia da Santa Missa de encerramento do Congresso Eucarístico Nacional em Varsóvia**. Polônia, 14.06.1987. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19870614_cong-eucar-polacco_it.html. Acesso em 01 jun 2013.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. n. 1230; n. 1247. Primeira Seção: Os sete sacramentos da Igreja, cap.I, Art.I, nº IV. Edição Típica Vaticana. São Paulo. Loyola 2000, pg. 347.

KEARNS,Lourenço. **A Teologia da Vida Consagrada**. Editora. São Paulo. Santuário 1999.

MONDA, Andrea. **Bendita humildade: O estilo simples de Joseph Ratzinger**. São Paulo. Paulinas 2013.

PATIAS, Jaime. **A Missão da Igreja**. Pontifícia União Missionária.

http://www.pom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2081:ceara-realiza-ii-congresso-estadual-da-iam&catid=12:infancia-e-adolescencia-missionaria&Itemid=9. Acesso 10 junh 2013.

Submetido em 14 de novembro de 2013
Aprovado em 29 de novembro de 2013